BIBLIOTECA-PARA-A-INFANCIA

L.4563

MARIA O'NEILL

O Paraizo das Crianças

PARCERIA A.M.PEREIRA-LIVRARIA EDITORA-LISBOA

L 4563

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

O PARAISO DAS CRIANÇAS

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44 A 48 — LISBOA

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

O PARAISO DAS CRIANÇAS

⁂ TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA ⁂⁂
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Horas de folga.
2 — Recreações infantis.
3 — Para ler nas férias.
4 — Por bom caminho.
5 — Para divertir.
6 — Alegrias.
7 — Histórias famosas.
8 — A fada loira.
9 — Contos da mamã.
10 — Para rir e pasmar.
11 — Feitos gloriosos.
12 — As ideas de Mimi.
13 — Proezas dum valentão.
14 — Maurício e Beatriz.
15 — Os bonecos de Joaninha.
16 — O animatógrafo.
17 — O paraiso das crianças.

Reg. 21 - Médico Ex. Guia 2862
L 4563
BIBLIOTECA NACIONAL
Conservatoria da Propriedade Literária
LISBOA
N.º 2
11 26
R.F. 25692
R.P.L. 5750

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

O PARAISO DAS CRIANÇAS

ILUSTRAÇÕES DE RICARDO SANTOS

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

1926

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

O PARAISO DAS CRIANÇAS

No alto de Campolide existe uma grande casa, que lembra a tôdas as crianças uma enorme caixa de amêndoas, tem ao lado um vasto jardim com lindíssimas flores, magníficas árvores de fruto e grandes capoeiras. Na estufa, entre plantas raras, elevam-se graciosas kentias e das janelas, altas e rasgadas, estende-se o olhar de Monsanto a Cintra, avistando-se o Tejo para o lado de Alcântara.

Mora ali uma senhora viúva que, tendo perdido o marido e com êle inteiramente a luz dos olhos, que há muito lhe diminuira consideràvelmente, se entregava à sua dor, sem esperança de consolação nem desejo dela.

A piedade de Deus pelos que sofrem é infinita, e assim, uma bela noite, aquela senhora recebeu uma

inspiração divina: fundar um asilo onde os desgraçados abençoassem a tôda a hora a memória do seu querido morto.

Hesitou na escolha dos seres a proteger. Seriam velhos? mulheres? crianças? O médico que a tratava, lembrou-lhe que crianças seria melhor e mais profícua obra de caridade, visto que seria preparar o futuro e ter em volta do túmulo, que lhe guardava o coração, os constantes e formosos sorrisos da aurora.

Foi dito e feito. Um ano depois, mês e dia em que lhe faltou o esposo, foi admitido o primeiro pupilo. Era um pequeno de olhos grandes, castanhos, de tez branca e rosada. Tinha pais. Chorou ao separar-se deles e a senhora, condoída, fêz pôr no seu quarto a caminha do pequeno. E era de ver quem melhor conseguiria estancar-lhe as lágrimas, se a mãe adoptiva, se Bel, a dedicada companheira da inteligente ceguinha, «os seus olhos», como às vezes ternamente lhe chama a boa senhora.

Amimado, como filho querido, Alexandre em breve se consolou.

Passado um mês entrou o segundo, tinha o nome de Anibal, era órfão de pai, estava muito fraquinho e, a-pesar-de ter tres anos, ainda mal falava.

Parecia, emfim, que os tutelados da boa senhora tinham todos nomes que lembrassem altos feitos de guerra, quando apareceu um Francisco, sem pai nem mãe, e, por fim, um Mário, sem mãe e com madrasta tão feroz que lhe partira um braço, o que o levara ao

hospital infantil de N.ª S.ª da Saúde, que a caridade da sr.ª duquesa de Palmela mantém no Rego.

... foi admitido o primeiro pupilo.

Ora é agora que verdadeiramente começa a nossa história.

São quatro os nossos heróis, e, embora tão pequenos, há diferenças enormes nos seus caracteres: Ale-

xandre é autoritário, açambarcador de afectos e primasias, mas cheio de carinho pelos outros, desde que julgue assegurada a preferência para si; Anibal. muito alegre, muito garôto, extremamente franco, dum asseio escrupuloso, mas duma teima que deixa adivinhar a tendência para se impor.

Todos chamam Mãesinha à sua protectora.

Anibal, quando quer fazer a sua vontade, diz para os outros:

— Eu sou Mãezinha, deixem passar. É Mãesinha que está aqui. Esta Mãezinha é quem manda».

E bate no próprio peito com a mãosita aberta, no manifesto propósito de obrigar os outros a considerá-lo.

O Mário é vivo, inteligente, fala com claresa pouco vulgar na sua idade, trata-se sempre na terceira pessoa e manifesta-se altivo e autoritário: tem um ar de firmeza que impressiona.

Francisco, o mais velho dos quatro, é tímido e receioso. Todos lhe passam adiante; talvez, por ser o que já mais sofreu, veiu das Casas de Trabalho e não tem pai nem mãe, como disse, parece que tem consciência da sua inferioridade.

A menina Ema conta dezanove primaveras e é a gentil e devotada pastora do gracioso rebanho.

Estamos numa linda tarde de Janeiro do ano de 192... A menina Ema, sentada à sombra dum jasmineiro, está rodeada dos buliçosos companheiros que lhe pedem com insistência:

— Conte uma história, menina Ema, conte.

— Mas em que se fale de mim, pediu Anibal.

— Eu também quero ser o homem principal duma história, fale de mim, sim? disse Alexandre.

— E do Mário, do Mário o que se conta?

— E de mim, não diz nada? indagou Francisco.

— Digo de todos, mas quem pediu a história é quem vai na vanguarda.

— Era uma vez um cavaleiro que, no tempo das Cruzadas, se distinguiu pelos seus actos de valor.

— O que vem a ser Cruzadas, menina Ema?

— São expedições religiosas e militares realizadas pelos cristãos do Ocidente antigamente contra aqueles que, no Oriente, tinham outras crenças no empenho de se assenhorearem dos lugares onde Jesus Cristo padeceu e morreu. O cavaleiro de quem falo era temido a muitas léguas de distância pelos seus actos de bravura.

— Como se chamava êle?

— Anibal.

— Era êste Anibal? preguntou Mário.

— De certo. Então qual havia de ser?

— Pois não há dúvida, o cavaleiro sou sempre eu.

— Bem, estejam calados, senão é impossível continuar. Aos sete anos Anibal entrou ao serviço de Godofredo de Bouillon, filho do conde de Bolonha, como pagem. A sua obrigação era servi-lo à mesa, etc.

— Então os pagens eram criados?

— Não, mas nesse tempo tinham-se por honrosas

muitas funcções que hoje se consideram humilhantes. Aos quatorze passou a escudeiro do mesmo senhor.

— Escudeiro o que vinha a ser?

— Era encarregado das cousas mais importantes, acompanhava o seu amo nas viagens e nas guerras, cuidava-lhe das armas e dos cavalos, etc.

— Eu era escudeiro, e depois? indagou Anibal.

— Depois, quando os vinte anos se aproximaram, preparou-se para ser armado Cavaleiro. Essa preparação consistia em jejuns, confissão, comunhão, e ficar uma noite inteira numa igreja ou capela *velando as suas armas.*

— A espada e a lança? indagou Alexandre.

— Todas as suas armas, respondeu a menina Ema.

— E tu não tinhas mêdo de ficar uma noite só na igreja, Mário?

— O Mário tinha.

— Pois eu não. Fui muito valente!...

— Se foi! continuou a menina Ema. No dia seguinte, depois de purificado pelo banho, Anibal entrou na igreja, depois do padre dar a bênção, com a espada pendurada ao pescoço e ajoelhou diante do Senhor ou Senhora que o devia armar.

— Então as senhoras tambêm armavam cavaleiros?!

— Tambêm. D. Nuno Alvares Pereira foi armado cavaleiro por D. Leonor Teles, de quem era pagem.

— Eu sou o pagem da menina Ema.

— Está dito, assentiu sorrindo a gentil rapariga e ninguêm tem um pagem mais formoso!

— Não é verdade?

— Não, não é. Eu sou o pagem da mãesinha, e sou mais bonito do que tu, afirmou Alexandre.

— Conte uma história, menina Ema.

— Que vaidade! mas deixem-me continuar a história senão nunca mais acaba. Então os padrinhos puseram-lhe as esporas douradas, entregaram-lhe a cota de malha, a couraça, os braceletes, cingiram-lhe a espada e, logo que o trajo de guerra estava concluido, o Senhor, que conferiu ao seu Escudeiro tão subida dis-

tincção, deu-lhe com a espada nuà tres pancadas no hombro, e tocou-lhe com a mão na face dizendo:

«Em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge, faço-te cavaleiro. Sê piedoso, valente e leal.»

Depois abraçou-o e deu-lhe a beijar a cruz da espada; o que Anibal por sua vez imitou dando a todos os que se achavam presentes a cruz da sua espada a beijar. Chamava-se a isto *dar a paz*.

Foram-lhe então buscar o seu cavalo de batalha, finamente ajaesado, sôbre o qual êle mostrou aos assistentes a perícia com que brandia a lança e manejava a espada.

Foi uma tarde de glória na qual Anibal venceu todos os contendores.

Jantou á mesa do Rei e viu-se honrado por tôdas as grandes damas de França. O grande Godofredo ofereceu-lhe um lindo e magnífico catavento que, nesta época, só os cavaleiros tinham direito de usar no cimo da sua habitação, e viu o seu peito adornado com um soberbo colar de ouro como vencedor do torneio.

—O' menina Ema e que fazia o cavaleiro? indagou Alexandre.

— O cavaleiro combatia em tôda a parte a injustiça, defendia as viúvas e os órfãos, obedecia ás ordens da sua dama, do seu Rei e do seu Suzerano. A lealdade, a fé e a virtude eram o seu lema.

—E eu que mais fiz? preguntou Anibal curioso de ouvir narrar as suas façanhas.

— O Anibal acompanhou Godofredo à Palestina

onde se distinguiu pelos seus feitos de armas, assistiu a vê-lo eleito rei de Jerusalem e aplaudiu com fervor a resolução que êle tomou de não querer usar êsse título numa cidade onde Cristo tanto havia padecido por amor da humanidade.

Voltou depois a França, onde viveu muitos anos, respeitado e temido pela sua bravura.

... a perícia com que brandia a lança...

— E agora?

— Agora está em Portugal, ao colo da menina Ema e ouve contar os seus antigos feitos com a admiração que êles realmente merecem.

— Todos os cavaleiros eram valentes, menina Ema, indagou Francisco.

— Quasi todos, mas, não ha regra sem excepção, de vez em quando aparecia um ou outro que deslustrava a classe e então era uma dor de alma para todos

que tinham coração e bons sentimentos, ver os vexames pelos quaes justamente o desgraçado passava. Vou cantar-lhes uma antiga canção, que a minha ama me ensinou, e que dá uma ideia, muito real, daquilo que sofria o infeliz cavaleiro que atraiçoava o seu juramento:

O Cavaleiro Perjuro

Pelos seus pares julgado,
Por crime de alta traição,
Viu do seu escudo apagado
Um afamado brazão.

A' cauda do seu cavalo
Viu prender o belo escudo,
Viu, pela lama, arrastá-lo
Ao som de frases de Entrudo!

Que os arautos, inclementes,
Soltavam com crueldade
Ao proclamarem ás gentes
Do seu crime a feialdade.

E os padres cantavam alto
Um psalmo de maldições (1)
Que aumentava o sobresalto
Dos bondosos corações.

E co' um jarro d'água quente,
Pela cabeça lançado,
Se tirava ao paciente
O seu caracter sagrado.

Do cadafalso descido,
Por corda passada aos braços,
Era num caixão metido
E levado a brandos passos

Ao templo, onde lhe resavam
Um oficio de defuntos
Enquanto os mais se afastavam
Longe dele e todos juntos,

Como a repelir contacto
Com quem ao dever faltou,
Por ter praticado um acto
Que a sua honra manchou.

(1) O Psalmo CVIII.

Antes nunca ser ninguêm
Do que tão alto subir
Para, atraiçoando o que é bem,
Em tal vergonha cair!

Meditem, moças, as trovas
Que eu lhes descanto ao serão
São mais velhas do que novas,
Mas sempre encerram lição.

Pois desde que o mundo existe
Ha na terra bem e mal:
Segue o bem, ao mal resiste,
Serás um dia imortal.

Os pequenos deram palmas com entusíasmo quando a menina Ema acabou de cantar e Alexandre afirmou:

— Eu faço sempre bem.

Os outros repetiram todos a frase com maior ou menor precipitação.

— Agora, uma história para mim, pediu Alexandre, e acomodou-se melhor na cadeirita baixa, onde estava sentado, fitando os olhos na narradora dos lábios da qual parecia sentir suspensa a sua sorte.

A menina Ema começou:

Em todos os tempos tem havido grandes homens com o nome de Alexandre, o último de que os portu-

gueses teem gratas recordações e orgulho justificado foi um grande romancista e um grande historiador.

E co' um jarro d'água quente

— Era eu, menina Ema? preguntou Alexandre ancioso por resposta afirmativa.

— Eras tu. Uns diziam que êle era feio.

— Feio não, isso não, todos sabem que eu sou bonito e...

— Pois sim, mas naquele tempo ainda o não eras

mas tinhas um rosto muito inteligente e expressivo e um olhar vivo e profundo.

Todos presavam o teu talento e se orgulhavam da tua convivência; o próprio rei vinha tôdas as tardes conversar comtigo e não trocava êsse deleite espiritual por nenhum outro.

—Onde morava eu, menina Ema?

—Basta de tanto eu. Já sabes que eras Alexandre Herculano e que, sendo bibliotecário da Real biblioteca da Ajuda, ali tinhas casa.

Tôdas as notabilidades do tempo iam visitar o grande homem.

Tôdas as obras que sairam dos bicos da pena dêste escriptor são uma maravilha! Não ha olhos que as não devorem, espírito que se não absorva na contemplação dêsses quadros de tão grande e real formosura!

— Quadros! Então êle era pintor!? preguntou Mário admirado.

—Não, respondeu a menina Ema, mas descrevia tão bem as cousas que as pessoas que o liam julgavam vê-las.

— Eu estou vendo aqui, dizia Alexandre apontando a testa, o que a menina Ema conta.

— Pois é isso mesmo. Mas, como eu ia dizendo, todos liam e admiravam imenso o grande escriptor, mas, o que poucos ou raros sabiam, era que aquela alma, que tão poderosamente influia nas outras, era dotada duma grande caridade que se não exteriorisa-

va porque seguia sempre o velho preceito de que «a mão esquerda deve ignorar o que a direita dá».

Um dia, porêm, houve um testemunho público da

As freiras tinham fome.

sua grande caridade. Tinha ido a Lorvão examinar o arquivo do convento, por ordem da autoridade eclesiástica, e deparou ali com a mais funda e negra miséria. As freiras tinham fome. O seu coração apertado de dó e repassado de indignação, fê-lo escrever uma

carta a Antonio de Serpa Pimentel, (1) descrevendo a scena tremenda que ali se passava. Não ha, em nenhum dos seus romances, página mais sentida nem que melhor logre reflectir os generosos sentimentos que a sua alma encerrava. Êle pede esmola para as freiras de Lorvão, e nesse pedido, a cada palavra, demonstra que o seu coração é superior á sua inteligência e bem maior e mais perfeito ainda, se é possível do que a sua grande obra.

—Que história tão massadora, menina Ema, disse Anibal bocejando.

— Eu não percebi nada, disse Mário.

— Nem eu, confirmou Francisco.

— Olhem com que gente eu estou metida!

— Percebi eu, menina Ema, percebi eu.

— Vamos a ver: O que é que eu contei?

— O Alexandre Herculano era um homem que fazia livros muito bonitos de que todos gostavam muito. Tinha muitos amigos, até um rei...

— D. Pedro V, e depois?

— Depois tinha dó dos pobres, dava-lhes esmola e ninguêm sabia...

E Alexandre calou-se á procura do resto.

— E que mais? insistiu risonha a sua jovem amiga.

—Mas foi a um convento onde as freiras tinham necessidade, talvez fome, e escreveu a um senhor, que

(1) A. Herculano, *Opusculos*, tom. I, pag. 195.

podia mais do que êle, a pedir para as freiras... Não é isto?

— Exactamente. Então vocês acham esta história aborrecida!? Pode haver nada mais encantador do que um homem aliar a bondade ao talento? preguntou a menina Ema.

— Eu não percebo nada disso, gosto mais do *cabaleiro* cantado, disse Francisco.

— Não é *cabaleiro* é cavaleiro. Tudo tem o seu cabimento. Olha que não ha homem que não estimasse poder vir a ser um Herculano.

—Eu sou Alexandre Herculano. Vou dizer á mãesinha que sou um grande escriptor e peço esmola para as freiras de Lorvão.

— Pobres freiras! Onde irão elas!... lamentou a gentil rapariga.

— O' menina Ema, não pode cantar uma coisa bonita com a esmola das freiras?

— Se tens muito empenho...

— Cante, cante.

— Eu gosto mais de ouvir cantar quando não sou eu o *homem da história* informou Anibal.

A menina Ema pediu:

— Deixem-me pensar um pouco.

Momentos depois cantou:

A' voz de Herculano

Cheias de fome e miséria,
As freirinhas de Lorvão,
Choram as mais tristes lágrimas
Sem terem lume nem pão!

O sino ecôa nas serras
Dizendo em tão ba lalão:
Venham mitigar a fome
A's reclusas de Lorvão.

Veem os sinos e vão
Sem ninguêm vir trazer pão!

Morre-se ali lentamente
Porém, no monte fronteiro,
A meia encosta, reclina-se
Burgo com trigo e dinheiro,

Que ouvindo correr o sino
Dizendo: tão ba la lão
Não se importa que haja fome
No convento de Lorvão.

Veem os sinos e vão
Sem ninguem vir trazer pão!

Tem o convento a aparência
Dum nobre e grande senhor,
E do burgo, a casaria
Indica miséria e dor.

Quem julga pelo que vê
Tem muita desilusão.
As pobres das freiras tangem
A sua eterna canção:

Os sinos veem e vão
Sem ninguêm vir trazer pão!

A' divina Providência
Ver sofrer bem agradou
E junto das almas cândidas
Um grande vate mandou.

Já cansadas de ter fome
Pensavam em mendigar,
Rompendo a estreita clausura
Onde deviam findar.

Os sinos veem e vão
Sem ninguêm vir trazer pão!

Mas, ó poder de harmonia
Que a voz de Herculano tem!
Como águia de porte altivo
Passa das serras além.

E, abrandando os corações
De egoismo empedernidos,
Faz enxugar muita lágrima,
Põe fim a muitos gemidos!

Da sua «Harpa de Crente»
Os sons chegaram aos ceus:
Esta foi, das suas obras,
A que está nas mãos de Deus.

Não mais vibrou a distância
O sino pedindo pão.
— E do passado que resta?
O mosteiro de Lorvão

As freiras e Herculano
Ha muito que no ceu estão.

— Essa história, menina Ema, não presta, a do *Anivel* é muito mais linda, afirmou Anibal.

— E eu não tenho história? pediu Mário?

— Tens, mas primeiro vai o Francisco.

— Porquê?

— Porque é por ordem de entrada. Mas agora as histórias hão de ser pequeninas pois são quasi horas de jantar e o tempo tem de chegar para todos.

— Então que sou eu? preguntou o pequerrucho cheio de curiosidade.

— Tu és santo. Vaes ser S. Francisco d'Assis.

— Não quero ser santo.

— Essa agora! Então ha lá nada melhor do que ser santo?

— Já disse, não quero ser santo.

— Pois não sabes a tolice que fazes. Era uma história linda.

— Deixá-lo. Seja santo quem quizer, eu não quero, pronto.

E mostrou-se zangado.

— Então vaes ser D. Francisco Manuel de Melo, homem notavel e com muita graça, queres?

— Quero, ter graça agrada-me.

— Mas êle não tem graça nenhuma, afirmou Alexandre.

— Isso não quer dizer nada. A história não é verdade nele, percebes tu? disse Mário.

— Percebo.

— Então queres ser D. Francisco ou não?

— Quero, condescendeu o pequeno.

A menina Ema proseguiu no fadário de ilustrar os seus pequenos amiguinhos.

D. Francisco Manuel de Melo, era filho de pais nobres, e como tu, nasceu em Lisboa, mas em data diferente: 23 de novembro de 1611.

— Mas eu nasci em 9 de Fevereiro.

— Sabes muito! Isto era noutro tempo. Este homem era um escriptor notável (a cara do pequeno Francisco enchia-se duma vaidosa expressão, como se se tratasse realmente dele) escreveu mais em castelhano do que em português, e os hespanhois consideram-no como um dos melhores prosadores.

— O que vem a ser prosador, menina Ema?

— E' aquele que escreve sem ser em verso pois não é? A menina Ema já explicou isso no domingo, disse Alexandre.

— Se vocês não me deixam continuar, o Mário não poderá ouvir a sua história antes de jantar, observou ligeiramente enfadada a narradora.

— Bem, eu era um prosador, e depois?

Um prosador que escreveu muitas obras de grande valor literário durante os nove anos em que esteve preso nos cárceres da Tôrre de Belem e da Tôrre Velha.

— Preso, não. Eu não quero ser preso!

— Ó patetinha, mas isso não é comtigo e já passou.

— Pois sim, mas preso não quero, então serei outro homem.

— Agora é tarde, quer queiras ou não, tens de ser D. Francisco Manuel.

Ante esta decisão categorica o pequeno conformou-se, mas estendeu o beicito levemente amuado.

A menina Ema continuou: Na feira de Anexins tem êle muito bons ditos. Já os meninos teem ouvido citar alguns: «Não se pescam trutas a bragas enxutas» por exemplo.

— O que é bragas?

— São uns calçotes curtos... Mas que tens tu, Francisco, choras?

— Pois acabemos com isto. Ficas então para depois do jantar e deixas-me passar ao Mário: são quasi cinco horas. Vamos, meu menino, que queres tu ser?

— Não quero ser Mário.

— Ninguêm está contente com o que tem, mas o teu nome é bem bonito. Como queres então que te chame?

— Afonso como o irmão do Alexandre.

—Serás então D. Afonso IV, o bravo, rei de Portugal.

— Pois sim, concordou o pequeno satisfeito.

— Tambêm eu quero ser rei, disse Anibal.

— Tambêm eu, afirmou Francisco.

— Todos serão reis, mas agora a história é do Mário. Êle é que faz de D. Afonso IV, o bravo. Êste rei casou, ainda menino, com D. Brites, tambem menina, aqui em Lisboa no ano de 1309.

— D. Brites era de cá? preguntou Alexandre.

— Não, era filha do rei D. Sancho II, de Castela.

Quando êste rei cresceu, em vez de olhar pelo seu reino, como devia, dava-se com excessivo prazer ao divertimento da caça e a outros folguedos. Isto descontentava todos que desejavam o bem da Pátria. Um dia, em que reunia os Ministros, depois de estar ausente mais dum mês, êstes disseram-lhe que se êle não atendesse os reparos que respeitosamente lhe faziam teriam de escolher outro rei.

— E êle não se zangou? preguntou Mário franzindo o sobrolho como quem se sente ofendido.

— Ficou furioso, mas como era inteligente, reflectiu e viu que aqueles que lhe falavam com tanto desassombro eram amigos dedicados, emendou a má vida que levava, e tornou-se um grande rei. Duas cousas, porêm, lhe ficavam mal e põém uma triste sombra no seu resplendor; a desobediência a seu pai e ter consentido na cruel morte de D. Ignez de Castro.

— Êle era mau?

— Era *mau* e *bom, pequeno* e *grande*, como tôdas as criaturas humanas que não se guiam senão pelos impulsos... Pois ainda não entendes isto? Vou explicar melhor: O Mário, quando o não contrariam, é bom e é capaz de grandes actos de bondade, mas se o fazem zangar torna-se mau e agressivo; até morde! Pois é exactamente o mesmo que acontece aos homens que se não dominam. São crianças grandes; mas pio-

res, porque teem meios para fazer mal, que faltam aos pequenos; voltando a D. Afonso: mais tarde ajudou o seu genro, rei de Castela, a expulsar os Mouros da Andaluzia e salientou-se com o seu exército na batalha do Salado (em 3 de outubro, de 1340).

O genro quiz ofertar-lhé todas as riquezas tiradas

Não se pescam trutas a bragas enxutas.

ao inimigo, o que êle rejeitou nobremente dizendo: «Eu não vim de Portugal para voltar carregado de despojos, para mim é de sobejo a glória de ter vencido.»

— Que grande tolo! exclamou Francisco com convicção. A mim se me oferecessem uma fortuna não a rejeitava...

— E' porque ainda não sabes pensar.

As pessoas boas, não aceitam nada em paga dos seus serviços e ficam sempre contentes de os prestar.

— Pois sim, mas cá eu, queria a riqueza dos Mouros, afirmou Alexandre.

— Para quê? preguntou-lhe a menina Ema.

— Para dar á mãesinha, apressou-se a dizer Anibal.

Todos riram da ideia menos êle que indagou bocejando:

—O D. Afonso do Mário é ainda muito comprido?

— Não, tem de terminar aqui, são horas de jantar; morreu em 28 de Maio de 1359.

— E eu?

— Tu agora vaes jantar, desejando que D. Afonso descance em paz.

E, dando um beijo no suposto heroi da história pô-lo ás cavalitas e subiu, rodeiada dos outros, a pequena escada de pedra que dá para a casa de jantar.

A refeição correu serena e alegre. Chama-se a isto um asilo! Tratamento de crianças ricas e amimadas, ás quaes nada falta, nem o excesso do carinho maternal, é, a bem dizer, terem a ilusão de serem ricos.

Conversaram alegremente ácerca das histórias ouvidas, depois, com uma volubilidade própria dos poucos anos, passaram a fazer projectos de várias diversões e finalmente erguendo-se da mesa correram com pequenos cabazinhos ao quarto da sua bemfeitora que os beijou ternamente e lhes distribuiu encantos. En-

tão, sentados no corredor começaram mostrando uns aos outros as bolachinhas:

... pô-lo às cavalitas...

— Olha: é uma chave?

— E isto, e isto? preguntava Anibal ancioso mostrando uma cabeça de galo.

— E' um coquercco.

— E galinha não tem?

— Tem, mas no teu cestinho é que não ha.

— Vejamos no do Alexandre.

Um grito de alegria coroou a scena. No cesto dêste foi achada a galinha e as crianças celebraram o acontecimento em risos e palmas.

— O' menina Ema, olhe, olhe... pediu Aníbal com entusiasmo.

— O quê? preguntou a gentil rapariga voltando-se.

— O fumo sobe e não desce!

E, contente de ter feito esta descoberta estranha, começou a chamar os outros para verificarem o caso.

O Francisco, ainda desgostoso com a personagem que antes do jantar lhe tinha cabido em sorte, pediu:

— Então a menina Ema não me faz herói de outra história?

— Os meus meninos julgam que o reportorio não se acaba?

— Conte, conte... pediram êles.

— ¿ Vejamos então, que queres ser agora?

— Policia, respondeu o pequeno com satisfação.

— Vamos lá, não tens grandes aspirações.

— Mas olhe que é dos que mandam...

— Sim, já estou farta de saber que vocês querem sempre mandar, mas aposto que não sabem uma cousa?

— O que é? preguntaram todos curiosamente.

— E' que só sabe bem mandar aquele que aprendeu a obedecer.

— Então o polícia que manda mais?

Cumpriu muito bem tudo que lhe mandavam e chegou por isso mesmo, a saber mandar.

Alexandre observou:

— Eu não aprendi e sei muito bem mandar. Quer ver?

E, engrossando a voz, ordenou:

— Direita volver, ordinário marche!

As outras crianças executaram prontamente o movimento indicado.

— Vê, menina Ema, eu sei mandar, disse o pequerrucho impando de vaidade.

— ¿Então o meu conto? gemeu Francisco outra vez indignado de o terem esquecido.

— Tudo caladinho. Vou principiar.

E a menina Ema narrou:

— Era uma vez um polícia, conhecido por todos os amigos e companheiros pelo 52 da 4.ª Alto, bem conformado, valente e bom, era apreciado na corporação e fora dela como justamente merecia. No bairro, aqui, de Campolide, onde geralmente fazia serviço, era querido de tôda a criançada que o conhecia pela alcunha de «Pai dos Gatos», por êle não deixar que maltratassem os animais. Eis o episódio que lhe valeu tal título:

Um dia, o 52 estava de serviço e tinha alongado

o seu giro até ao princípio da rua do quartel, quando, nas ruinas das antigas portas da cidade, ouviu um gato miar.

Foi ver de que se tratava e encontrou uma linda gatinha amarela rodeada de três rapazes. O mais velho montava uma cana e os outros dois, um com um lenço e outro com dois pauzitos, faziam respectivamente de capinha e de bandarilheiro. Á pobre gata tinham-lhe distribuido o papel de toiro e sem a consultarem!

Mansa, cheia de receio e de fome, apavorada por uma perseguição injustificada, a pobre gatinha encolhia-se tôda a um canto, medindo com a vista o muro próximo, a calcular o pulo que a devia libertar da ferocidade dos garotos. O 52 chegou neste momento. Compreendeu tudo num olhar, e, aproximando-se do grupo, preguntou:

— ¿Que fazem vocês ao animal?

O cavaleiro, mais audaz do que os outros dois, respondeu com naturalidade:

— Brincamos aos toiros.

— ¿E não reparam no grande mêdo que estão causando a êste pobre animal? Isso não é bonito.

E, afagando a gata, disse aos pequenos:

— Imaginem que um de vocês, indo por uma estrada fora, se perdia. E de repente surgia-lhe em frente três sêres de outra especie a quererem fazer-lhes mal; ¿que agonia não sentiria o coração do pobre perseguido, vendo-se impotente contra os agres-

sores? É o caso desta gata; reparem, tem uma pernita partida. Nada pode. Ora, se os meninos fôssem bons, em vez de imitarem as touradas, imitavam a «Cruz Branca», cuja bandeira se vê daqui tremular. E ao

O 52 chegou neste momento

tempo que falava ia-se sentando numa pedra musgosa, rasgava uma tira do lenço e, tirando com cuidado o animalsinho do canto em que se anichara, ligara-lhe caridosamente a perna, continuando a dizer: Ora vejam como se faz um tratamento. É assim que

se a algum de nós acontecesse qualquer desgraça desejaríamos que nos fizessem.

Ámanhã estou de folga. Moro na calçada dos Mestres, n.º tal. Vão lá se querem ser bons. Fundaremos a «Estrêla Côr de Rosa» que servirá para prestar socorro aos animais vadios e levá-los aos postos da Sociedade Protectora e da Liga, dar-lhes de comer, procurar-lhes donos, etc. Senhor Cavaleiro pegue na gata, assim, com cuidado, e vá levá-la a minha casa. Entregue-a á minha mulher, e do resto amanhã falaremos. Voltando-se aos outros dois que o escutavam, continuou: E vocês, irmãos da Estrêla Côr de Rosa, vão por êsse parque Eduardo VII e, ou eu me engano muito, ou não tardarão a encontrar algum pobre gato morto de fome. Ponham-se no hábito de socorrer os animais em vez de os maltratar e tornar-se-hão homens dignos.

E, voltando de novo para o seu pôsto, o 52 da quarta, ia contente comsigo por ter tido ensejo de praticar duas bôas acções.

— Duas! exclamou Alexandre. O gato era só um.

— E então ensinar os ignorantes não é um bonito acto?

— Mas eu? que fiz eu depois de ter ensinado os meninos?

— O 52, no dia seguinte, estava de folga como tinha anunciado. A's duas horas recebeu a visita dos tres pequerruchos, os quais, não sei porque estranha singularidade, se chamavam Anibal, Alexandre e Má-

rio. Levou-os a um canto da cozinha onde a linda gata amarela descansava num fôfo colchão de palha de milho e disse-lhes:

— Façam uma festinha á Sultana, aproximem-se sem receio, ela é muito esperta e depois do passeio que deu hontem, ao colo do Alexandre, já não desconfia das intenções dos seus novos amiguinhos.

— Agora vamos construir uma maca. O pôsto é aqui. Quando encontrarem um animal doente ou faminto tragam-no cá. Eu o tratarei, se estiver em casa, na minha ausência minha mulher fará os curativos.

Os pequenos estavam entusiasmados com a brincadeira. A senhora Anica, mulher do 52, fez uma bonita bandeira branca com uma estrêla côr de rosa no meio e escreveu-lhe esta divisa, «Protecção aos nossos irmãos inferiores.

— Essa agora! parece-me forte chamar irmãos aos gatos.

— Pois S. Francisco de Assis não chamava os animais de outro modo.

— Irmão do gato! exclamou admirado Mário.

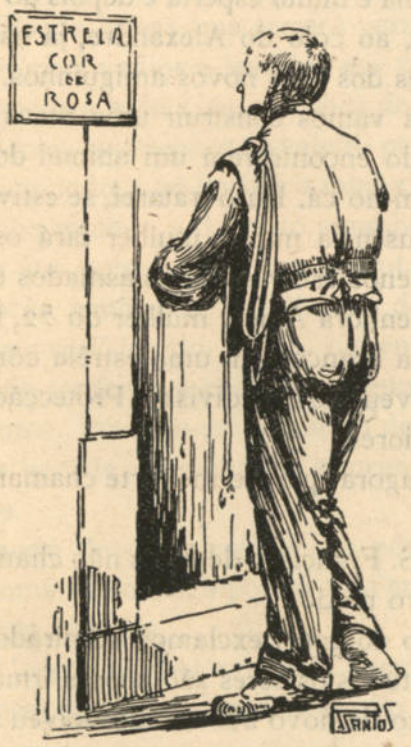
— Sim, todos os sêres são nossos irmãos.

Francisco de novo aborrecido volveu:

— Mas isso é para os santos e eu, já disse á menina Ema, que não quero ser santo.

— Não é só para os santos, o 52 da quarta não era santo e, tanto êle como a mulher, tratavam os animais com amor fraternal. Mas deixem-me acabar a história que já vai longa demais:

Hoje, ao cimo da calçada dos Mestres, ergue-se a magnífica instituição da «Estrêla Côr de Rosa» onde os rapazinhos do bairro prestam auxílio a todos os ani-



... foi à Estrêla Côr de Rosa.

mais que carecem dos seus serviços. Há pouco deu-se este caso interessante:

Um moço de fretes feriu um pé e, em vez de ir à «Cruz Branca», foi à «Estrêla Côr de Rosa».

— Isso não é aqui, disse-lhe a mulher do «Pai dos Gatos», é do outro lado.

— Tanto se me dá, como se me deu, a bandeira diz «Irmões Inferiores», eu não me *imaxino xuperior*, trate-me aqui.

A tia Anica riu e tratou o homem, que não ficou pior tratado do que os gatos.

O 52 foi condecorado, não só pelos seus bons serviços, como tambêm pelo trabalho educativo que tem tido com o rapazio do bairro. Estes, diz êle com orgulho, não irão nunca ao «Limoeiro».

E é de crer que assim seja, porque em rua onde esteja de serviço o 52 é rua em que os rapazes têem escola de bondade e virtude.

Agora cante, menina Ema, cante uma canção bonita.

— Então hão-de estar com juizo.

O Coração

O coração tem dois quartos
Separados ao nascer
Um, que manda sangue ao corpo,
Outro, que o faz recolher.

O sangue vermelho e vivo
Deve chamar-se arterial,
Habita no lado esquerdo
Onde a válvula mitral

Veda a passagem de cima
Da parte dita inf'rior;
Diz-se que o sangue é venoso
Quando tem sombria côr.

Através dos capilares
A côr é de transição.
No lado esquerdo a Tricuspide
É que faz a vedação.

Quando o sangue corre em baba
Já se sabe que é venoso,
Mas se em jacto intermitente
É arterial e formoso.

O movimento, completo,
Da nossa circulação
Faz-se todo em meio minuto
E sempre por contracção.

As emoções que sentimos,
Sejam de dôr ou prazer,
Todo o sangue nos agitam:
Qual criancinha a correr.

Por isso o povo nos diz:
— Tudo está no coração.
Também há muito quem diga:
— É tudo imaginação.

Mas seja dum modo ou de outro,
O que lhes posso afirmar,
É que a vida nos termina
Logo que o sangue gelar.

Quando a menina Ema se calou, o pequeno Mário não pôde deixar de afirmar:

— Não gosto.

— Porquê? preguntou Alexandre admirado.

— Porque não conta de fadas.

— ¿Então tu só queres varinhas de condão? indagou Anibal.

— Pois ámanhã hão de ter uma linda história fantástica.

— Não quero fantásticas.

— Tu estás sempre na oposição, Francisco.

— É porque é mais facil, respondeu o pequeno.

— Disseste, sem saber, uma grande verdade.

Vieram anunciar à menina Ema que estavam visitas na sala e pediam para ver os meninos. O gentil grupo saiu do jardim papaguiando sempre.

Hoje é dia solemne na casa de Campolide e as crianças estão alvoroçadas com a entrada de mais dois companheiros: Henrique e Artur.

Não são irmãos, ambos veem pálidos e anémicos, o seu aspecto contrasta tristemente com o dos asilados já ali existentes. As orelhas do Henrique são quási transparentes, a sua brancura de marfim. Artur não tem tão mau aspecto, mas está longe de igualar qualquer dos mais antigos. Esta criança tem uma cabeça que lembra a duma andorinha, não sei se devido à

forma do crâneo se ao rasgado da bôca. Não é bonita, mas simpática, qualidade mais apreciável.

Foram todos de carruagem ao cemitério ouvir missa por alma do seu protector e, na volta, todos queriam ser padres ou sacristas e imitarem as cerimónias que tinham visto.

Terminado o almôço e, tendo vindo para o jardim, o desejo de histórias recomeçou.

— A menina Ema prometeu contar hoje uma história fantástica, disse Alexandre.

— Uma história de fadas é que eu pedi, afirmou Francisco.

— Seja de fadas, ¿mas quem há de ser o herói? preguntou Ema.

Amávelmente os quatro pequenos, já nossos conhecidos, disseram a um tempo:

— O Henrique ou o Artur.

— Então para não dar preferência a nenhum, vão ambos a um tempo.

— ¿Como se chama a história, menina Ema?

A Fada Pálida

Era uma vez um menino que andava a brincar num páteo. Êle andava limpinho e com lindos caracóis que lhe enfeitavam a cabeça graciosamente, mas os rapazes com que brincava eram enxovalhados e malcriados e êle tinha pena de se ver entre tais companheiros. Um dia, enquanto a mãe tinha ido para o trabalho, adormeceu sentado no degrau da porta e sonhou que lhe tinha aparecido uma senhora muito pálida que lhe tinha dito: «Não chores. Eu posso mudar a tua vida inteiramente. Em vez de brincares num páteo estreito e sujo terás um bonito jardim onde florescem as mais belas flôres, em vez de um quarto estreito e escuro, terás um muito amplo e arejado com uma linda caminha branca em que qualquer anjo gostaria de dormir; terás para brincar, nos dias de chuva, um magnífico salão na parede principal do qual uma imagem da Virgem parece sorrir aos pequeninos, e, em vez de comeres uma sôpa mal feita, terás uma mesa farta, bolos, fructa e doce á descripção. Terás *bom-bons*, pastilhas, rebuçados... Neste ponto o pe-

queno acordou, esfregou os olhos e olhando em roda viu-se no páteo estreito e sujo. A tarde baixava, uma chuva miudinha, impertinente, começava a cair. Uma visinha, compadecida de o ver sentado no degrau preguntou:

Não chores.

— A tua mãe ainda não voltou, Henrique?

— Ainda não, senhora.

— Recolhe-te aqui que a chuva vai a apertar.

O pequenito aceitou transido de frio.

— Tu estás todo molhado, disse a condoída mulher. Porque não entraste em casa?

— Está tudo escuro, tenho mêdo do papão.

— Não sejas tonto. O papão não existe. Isso são cousas que te dizem para tu teres receio e não fazeres maldades. Estiveste a dormir, hein? Ainda tens olhos de somno...

— E' verdade, senhora Engrácia, mas tive um lindo sonho; quando se sonha assim é uma pena acordar.

E o pequerrucho contou o sonho que tivera.

A' mesma hora, num sítio distante, outro rapazinho chamado Artur pensava ter de passar muitas tristezas e misérias. Sem saber como, adormeceu e viu-se sentado sôbre um esplêndido tapete, ao fim duma ampla e formosa escadaria. Cinco crianças da mesma idade, pouco mais ou menos, brincavam com êle fazendo a construcção dum grande prédio com pedaços dum jôgo de madeira. Vinha depois uma criada trazer leite e bolos e, no fim, uma fada pálida distribuia *bombons* a tôda a pequenada que lhe agradecia chamando-lhe mãesinha. Á hora de jantar tinha bifes, ovos, leite créme, tudo que só via uma vez no ano, quando ia jantar a casa dos antigos patrões de seu pai.

Acordou quando a mãe o chamou para a ceia. Olhou-a desconsolado; era simplesmente pão, ao qual um único carapau servia de conducto, o que a pobre mulher lhe dava. Suspirou tristemente.

— Que tens, filho? preguntou ela com cuidado.

Artur disse o que havia sonhado.

A mãe, ouvindo-o, tinha lágrimas nos olhos.

— ¿Isto não é verdade, pois não? indagou o pequeno ao terminar.

— Quem sabe, filho? respondeu a mulher fitando com fé o crucifixo de madeira negra, suspenso por cima do leito: a Deus nada é impossível.

E não.

Numa formosa manhã, os dois pequenos, que tão felizes sonhos tinham tido, encontraram-se pela primeira vez à porta da linda casa com a qual haviam sonhado.

Foram levados ao barbeiro e ali, dos seus loiros caracóis foi feita, com enorme tesoira uma cruel vindima.

Artur olhara indiferente o sacrifício da sua bela cabeleira; Henrique, fitando o espelho, não pôde deixar de exclamar:

— Como eu estou feio!

Mas, chegando à sua nova e sumptuosa morada e vendo os seus pequenos companheiros no mesmo estado desgracioso, depressa se conformou.

Quando chegou a noite, foram-se deitar numas lindas caminhas muito macias e muito brancas, que lhes pareceram um dom celestial; e Henrique, receioso de que tanta opulência não fôsse realidade, preguntou à senhora que o estava deitando:

— Isto não é sonho? Dura sempre?

— Dura enquanto Deus quiser, respondeu sorrindo a boa senhora, e ajuntou: Resem pela vida da Mãesinha.

A Mãesinha era a Fada Pálida que operára nas suas vidas infelizes êsse milagre de amor, que êles não sabiam compreender, mas os enchia de alegria e ventura e lhes proporcionaria um futuro ridente.

— Viva a Fada Pálida, que é a Mãesinha! gritou entusiasmado Alexandre, vendo que a menina Ema terminara a história.

Os outros pequenos romperam em vivas calorosos.

O vulto da sua bemfeitora mostrou-se por de trás das cortinas, que afastou com mão trémula de comoção. Dos olhos, que não viam, rolaram lágrimas que se sumiram nas rendas negras do vestido. Eram de satisfação pura de bem fazer, a única alegria que não tem reverso e que inunda a alma da mais brilhante claridade.

No jardim as crianças continuavam chilreando.

— Cante-me uma canção antes de irmos para casa, menina Ema, pediu carinhosamente Anibal dando-lhe um beijo.

— Que queres que cante?

— O que a menina quiser.

— Então lá vai:

O Escoteirinho

É Flávio loiro e gentil,
Mas tem idade tão breve
Como o corpinho, que é neve
Num fio esguio e gracil.

Um dia, andando a brincar,
Vendo-se assim tamanino,
Pensou que, mesmo menino,
Podia aos outros prestar.

E foi buscar o tambor
Que o encantara rufando
Quando, nas ruas marchando,
Fingia já de senhor.

Sentou-se logo no chão
E pondo o tambor na frente
Mostrou, vaidoso e contente,
Se tinha ou não vocação.

E ninguêm podia crer,
Quando a exame foi levado,
Que o não tivesse ensinado
Um tambor mór de saber.

Não tardou que o sonho seu
Fôsse uma realidade,
Pois o tambor da unidade
Gravemente adoeceu.

E não havia ninguêm,
De atrevimento bastante,
P'ra pôr a caixa adiante
Quer tocasse mal ou bem.

O nosso rapaz então,
Co'o olhar iluminado,
Modesto, mas arrojado
E com firme coração

Dando um passo à frente ousou
Dizer ao seu comandante,
Num tom quási triunfante:
— Se ninguêm quer ir, eu vou.

— ¡Tu! Nem podes co' o tambor!
¿Como hás-de ir à nossa frente?
— Sou mais que um palmo de gente
Posso ir onde o grupo fôr.

Prometo, se me levar,
Que envergonhado não fica.
Verá que sei, como a mica,
Um diamante imitar.

— Pois bem, aceito, petiz,
A tua espontânea oferta,
Mas olha que fico alerta :
Se tu te cansares, diz.

Então, sem pressa, o rapaz
Pôs a caixa à sua frente,
Á testa de tanta gente
Marchou sereno e audaz.

Ao escutar-lhe o rataplan
Corria a gente à janela,
Ficando pasmado nela
Ante a figura louçã

Do pequenino tambor
Que lá vai para a parada,
De cabeça levantada,
Sabendo que tem valor.

Quando o dia terminou,
Contente de ter vencido,
Sem nunca ter sucumbido,
O nosso herói suspirou,

E disse, abraçando a mãe:
— Apesar da pouca idade

... Marchou sereno e audaz.

Tive a fôrça de vontade
Que muito homem não tem.

Pude a fadiga vencer
E, co' o tambor carregando,
Pensava, quando rufando:
Quero ser torte. Hei de o ser.

A mãe, sorrindo, enxugou
Uma lágrima sentida,
E d'alma reconhecida,
Com piedade a Cristo orou

Por dar tanta reflexão
Áquela bela criança,
E, nela, uma doce esp'rança
Ao seu pobre coração.

— Eu quero ser escoteiro, menina Ema.

— E eu, e eu, pediram outros.

— Todos o hão de ser, mesmo para ver se entram na ordem, porque estão muito turbulentos. Vamos agora tocar a recolher, porque está frio.

Pondo as mãos à frente da boca, no desejo de imitarem os soldados que viam, por cima do muro, tocarem e marcharem desde a porta do próximo quartel até à esquina da rua, as crianças dirigiram-se para a porta, fazendo um barulho ensurdecedor.

Momentos depois, tendo lavado as mãosinhas, conversavam animadamente à mesa, trocando ditos e chistosas observações que traziam um sorriso aos lábios da sua desvelada protectora, a qual entendia, e

muito bem, deixar ao espírito das crianças tôda a liberdade de expansão, para melhor estudar as suas personalidades.

A's dez horas da noite tôda a criançada recolheu ao leito e a gentil regente pôde, emfim, ter uns instantes de seu e entregar-se à interessante leitura dum livro de Júlio Denís que, nas suas páginas serenas e belas, lhe deu a ilusão duma vida interessante com a qual, na sua idade juvenil, ela sonha, mas ainda não conhece.

E quem passasse de noite, no comboio, via lá no alto uma luzinha brilhando como um farol de paz.

Era a Mãesinha, como lhe chamavam os pequenos, que pedia a Deus, na capela da casa, paz para o espírito do marido e felicidade para os seus improvisados filhos.

Tendo o dia aparecido chuvoso, as crianças fôram brincar para o grande salão.

Faziam tal bulha com as toiradas, as corridas de cavalos, os quatro cantinhos, que Bel, chegando ao alto da escada, propôs sorridente:

— ¿E se a menina Ema lhes contasse aquela linda história que nós lhe ouvimos ontem depois dos meninos estarem deitados?

— Que boa ideia!

— Conte, conte!

— Pois sim, lá vai:

Três Amigos

— Uma senhora do meu conhecimento...

— Não, interrompeu Alexandre, uma senhora não, eu.

— Pois sim o nosso amigo Alexandre tinha uma pomba branca que lhe foi oferecida pelo pai; uma visinha sua...

— A visinha não, eu, pediu por sua vez Anibal.

— Pois bem, o seu visinho Anibal era dono dum magnífico gato amarelo, muito formoso, mas que saltava para cima das pessoas e se lhes deitava em volta do pescôço com a sem cerimónia com que o podia fazer se estivesse na própria cama. Um dia levaram ao irmão do Alexandre um...

— Ao irmão do Alexandre não, a mim, pediu Artur.

— Pois seja, mas a propósito de tanto *eu e mim* hei-de contar-lhes uma outra história tambêm muito curiosa. Vamos adiante. Um dia levaram ao Artur, que vivia na mesma casa com o seu amigo Alexandre, um cão muito pequenino e engraçado ao qual

deram o nome de Dik. A cosinha da casa em que viviam era grande e espaçosa, como a da mãesinha. A pomba não tinha gaiola, andava sôlta pela casa e ia ao caixote, nunca sujando nada. Era tão asseiada que a davam como exemplo a certo menino que ás vezes tinha descuidos na cama...

— Não era eu, apressou-se a afirmar Francisco, julgando-se alvo duma insinuação.

A menina Ema desatou a rir:

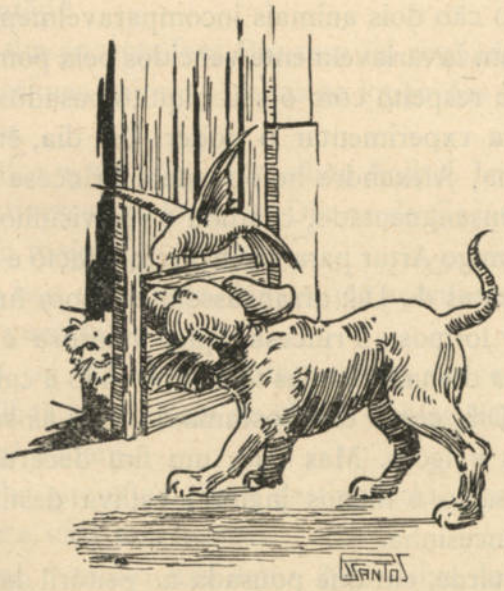
— Até que ha alguma cousa que os meninos não desejam ser.

E continuou:

A pombinha, o cão e o gato, que, sem convite, entrava freqùentemente pela janela, tornaram-se os melhores amígos do mundo. A pomba estava geralmente empoleirada na borda dum vaso colocado sob a chaminé, o gato deitado sôbre o tapete, debaixo da mesa, e o cão andava constantemente atraz do dono dando tantas voltas quantas êle dava.

Mas, se sucedia entrar na cosinha abraçava o gato, beijava-o, e envolviam-se ambos na mais perfeita brincadeira que se pode imaginar. Não havia entre êles a inimizade que dizem ser proverbial entre cão e gato, não, pelo contrário, eram muito bem educados nas suas lutas. O gato encolhia as unhas para não arranhar o Dik, e êste fingia morder, mas. era tal a delicadeza com que o fazia que tôda a gente se admirava de os ver brincando. A princesa, era a pomba, assistia de alto ao divertimento, mas em chegando a certa altura não

se contentava de ver. Queria tomar parte no espectáculo e fazia-o do modo mais graciosamente encantador. Saltava do vaso num breve vôo e caia entre os dois contendores, como se fôsse um lanceiro, de lança em riste. E era bicada para a direita e para a esquer-



...era bicada para a direita e para a esquerda...

da, respondendo às sapatadas do gato de unhas retraídas, e ás negaças que o cão lhe fazia, de patas estendidas e dorso alçado, num movimento em que mostrava aprestar-se à defesa e mostrando, na agitação da cauda, o muito que lhe agradava a desenvolta brincadeira. Envolviam-se os tres qual debaixo qual de

cima, depois o cão corria ao longo do vasto corredor e era atingido pela pomba que, num rapido vôo, lhe pousava em cima, conservando-se de asas abertas para não se desequilibrar, e o Garoto ou dava um pulo elegante correndo a persegui-los ou se encolhia atrás da porta para lhes caír em cima de surpresa. Mas, sendo o gato e o cão dois animais incomparavelmente mais fortes, eram invariavelmente vencidos pela pomba que lhes metia respeito com o seu biquito ousado do qual lhes fizera experimentar o poder. Um dia, entrando na cosinha, Alexandre notou que a Princesa tinha o pescoço ensanguentado, chamou o seu visinho Anibal e o seu amigo Artur para verificarem o facto e receiou que os dentes do Dik arrancassem em hora funesta a cabeça à formosa Princesa, que, valorosa e audaz, imitava as domadôras das feras, metendo a cabeça na bôca do Dik, como elas costumam meter as suas nas dos tigres e leões. Mas não, um fim decerto muito mais prosaico e menos inglorio estava destinado à gentil Princesinha.

Uma tarde, em que pousada no peitoril da varanda, examinava as gaivotas que se abatiam em bando, sôbre as águas do Tejo, pensando que lhe seria talvez agradavel poder voar tão alto e ter asas daquela envergadura, distraiu-se, desequilibrou-se e caiu à rua.

Anibal e Alexandre correram imediatamente para a escada, mas quando chegaram ao local do desastre a Príncesa havia desaparecido!

— Teria morrido? preguntou aflícto Anibal.

— Não, respondeu judiciosamente Alexandre, se assim fôsse encontrariamos o seu pequenino cadaver.

— Além disso, afirmou Artur, mais observador, as asas devem ter-lhe servido de pára-quedas.

— Então?

— A tua encantadora Princesa foi roubada.

As lágrimas cairam serenas ao longo das faces de Alexandre.

— Calca a tua dôr, aconselhou Anibal. Lembra-te que se estivesses no logar de Dik ou do Garoto sofrerias muito mais.

— Là isso é verdade. Mas o que acontecerá agora à minha querida Princesa?

— Eu sei lá! Talvez esta noíte vá ser cosinhada com ervilhas para a ceia de algum desses fragateiros que por aí andam.

— Olha que afinal é um destino belo, morre para alimentar a vida dos outros.

— Mas é muito mal feito. Não deixa de ser um roubo, disse Anibal zangado.

— No mundo dos maus o destino das pombas deve ser sempre esse, sentenciou Artur; mas que vão agora pensar o Dik e o Garoto?

— ¿Que queres tu agora que pense um cão e um gato? Pareces-me parvo às vezes, comentou Anibal.

— Voltemos a casa.

— Voltemos.

E os tres rapazes subiram a escada tristes e abatidos.

O Dik e o Garoto esperavam-nos no ultimo patamar.

Alexandre, vendo-os, chorou de novo.

A' noite, os tres pequenos, sentados em volta da mesa da cosinha notaram que o cão e o gato brincando um com o outro sentiam a falta da Princesa. Não a vendo chegar no auge do divertimento espreitavam debaixo da cortina da chaminé e iam ver ao corredor e à dispensa se ela estava por lá. Depois o cão gania e o gato soltava uns mios lugubres.

Artur comentou:

— E digam lá que os animaes não sentem?!

— Não digo que não sintam, mas... muito mais sinto eu, afirmou Alexandre. Nunca mais ouvirei os seus passinhos leves no corredor; quando de manhã, me vinham abrir a janela, apressava-se logo a Princesa a vir-me dar bons dias.

— Isso é peta. Eu nunca a ouvi falar, disse Artur.

— ¿Então não percebes que isto é um modo de dizer?

— Percebo que tu estás tolo com a morte da tua Princesa.

— Aflige-me não saber o seu destino.

Com muita filosofia Artur concluiu:

— E' o de tudo no mundo: nasceu, viveu e morreu.

— E o Dik e o Garôto? preguntou Mário á menina Ema, já massado de tantas lamentações.

— Continuam sendo os melhores amigos do mundo.

Há dias viram no caixote da pomba um coelho que devia fazer ao jantar as delícias da família. Talvez lembrados da pomba sua antiga companheira, quiseram brincar com êle, mas o pobre animal atemorisado recusou tanta honra. E á tarde os meninos, que tanto se haviam indignado com o provável destino da pomba, comiam o coelho com ervilhas declarando que era um petisco excelente!

Eu, terminou a menina Ema com um suspiro, lamento as incoerências das pessoas que julgam ser coerentes e não me consolo do desaparecimento da gentil Princesa, bem digna duma morte natural.

— Não gostei dessa história, menina Ema.

— Então não é bonita?

— E', mas é triste.

— Olha que tem o mérito de ser verdadeira e portanto de dar um belo exemplo do que a educação pode conseguir até dos próprios animais.

— Eu não gosto de exemplos, disse Aníbal com mau modo, gosto de cousas que me divirtam.

— Como é a outra que nos queria contar?

— É a história da «Sempre Eu».

— É bonita? preguntou Mário.

— Eu acho que sim.

— E posso ser eu agora o herói da história?

— Se queres, podes, mas eu aconselhava-os a não quererem sempre desempenhar um papel.

— Porquê? quis saber Alexandre.

— Porque a pessoa que quer sempre figurar torna-se antipática.

— Então comece, e, se eu vir que me agrada, sou, se me desagradar não sou.

E os pequenos estreitaram mais o círculo em volta da narradora para ouvirem melhor.

Sempre Eu

Era uma vez uma menina muito bonita, muito engraçada, com olhos azuis e cabelos côr de cobre. Os pais estimavam-na muito e os avós também. Todos pretendiam fazer dela uma senhora bem educada, mas esqueceram-se de que o egoísmo é a qualidade mais feia que existe e ninguêm tratava de combater êsse feio sentimento no coração da encantadora criança.

Assim habituaram-na a gostar de receber presentes, a não gostar de os dar, e a pensar que tudo que era bom lhe era devido.

Mariana, era êste o seu nome, entendia, porque assim a tinham ensinado, que não se dá nada en-

quanto pode ter qualquer serventia, e que não valia a pena dar senão para que os outros soubessem que dava.

Esta Mariana tinha um primo, chamado Pedro, que os pais tinham educado numa moral rígida. Era tão bom e gentil como ela, mas sentia e pensava dum modo muito diferente. Para êle, o maior prazer era dar, e, por um sentimento de dignidade própria, que os meninos não conhecem ainda, mas hão de sentir um dia, quando os seus caracteres tenham tido todo o desenvolvimento, sentia-se vexado ao receber. Não queria presentes e quando lhe davam um boneco bonito dizia com um sorriso que encantava os que o olhavam: «E' muito engraçado! Mas, se me deixassem, eu gostava de dar isto a um menino que não tivesse com que brincar. Eu tenho tanta cousa!» A mãe fêz-lhe notar que não era gentil responder assim ás pessoas que o queriam obsequiar e êle, então, muito esperto, nunca mais recusou um presente, embora não gostasse de os aceitar, e, logo que lhe davam um boneco novo, dava imediatamente aos pobres os mais antigos.

«— Assim nunca tens nada», disse-lhe o pai com certo desconsôlo. «Vais a casa do tio Joaquim e vês que a prima Mariana tem um quarto lindo, cheio de bonecos caros, emquanto que tu, por mais que te deem, não passas nunca de ter dois ou três.»

«— É certo que tenho muito menos brinquedos do que a Marianinha, ¿mas, paisinho, quantos meninos

tenho eu feito felizes? ¿Quantos, se eu não repartisse com êles, não teriam nunca um boneco na sua vida? Deixe-me dar, paisinho, é o maior prazer que existe.

O pai de Pedro ergueu-o comovido nos braços, e beijando-o com transporte, murmurou: «Deus te faça feliz.»

E, com a vaidade que, inconscientemente, todos os pais teem nos filhos, quando, no sábado, foi jantar a casa do seu irmão Joaquim, contou, rejubilando, o dito do filho como prova do seu bom coração.

O irmão não gostou de ter que concordar na superioridade moral do sobrinho e, sentindo-se ferido no seu amor de pai, disse:

— Tudo isso é muito bonito, mas se não lhe incutes a virtude da previdência, quando fôr homem, tornar-se ha um perdulário e logo após um valdevinos.

Terminou o jantar, foram para a sala onde se falou de política, arte, literatura, etc. Os pequenos, como os assuntos os não interessavam, sentaram-se no chão, no vão da janela, e Marianinha propôz:

— ¿Vamos brincar ás pessoas grandes?

— Como? preguntou curiosamente Pedro.

— Eu moro nesta casa, que é o vão da janela, e tu vens da rua, que é a sala, fazer-me uma visita. Vamos conversar como se eu fôsse a mãesinha e tu o tio Manuel. Queres?

— Pois sim. Vou buscar o chapéu do pai e a bengala.

— E eu vou fechar o vão da janela com cadeiras

para ficar com uma casa bem independente e muito minha.

Pedro saiu para o corredor e voltou dentro em pouco com o chapéu do pai enterrado até ao pescoço e a bengala na mão, imitando tanto quanto possível os modos do seu progenitor.

—¿O que é progenitor, menina Ema?

—É o avô ou antepassado dos pais, o pai dos pais, ¿percebes?

— Percebo.

— Pedro, continuou a menina Ema, tinha pelo seu avô uma ternura infinita e nas suas brincadeiras, quando queria fazer um bom papel, imitava-o sempre porque não conhecia melhor modêlo. Chegando à porta convencionada, bateu:

— Truz, truz.

— Quem é?

— Sou eu, Joana, pode abrir.

—¡Ai, é o snr. Manuelzinho! Não lhe conheci a voz.

—¿Onde está minha irmã?

— Deve estar no escritório, meu senhor; eu vou imediatamente.

— Não a incomode; eu subo.

—¿Posso entrar, Luiza?

— Que agradável surprêsa, ¿então a Eugénia e o Pedro?

— Ficaram em casa. O Pedrinho está um pouco constipado.

— Fizeram bem, todo o cuidado é pouco com um tempo dêstes. Senta-te e dize-me uma coisa.

— Com mil vontades.

— Basta uma.

— ¿Porque é que o teu filho dá tudo? Assisti a uma conversa no último dia em que jantámos juntos, que me deixou mal impressionada.

— Sim?! Porquê?

— Porque se o rapaz vai por êsse andar e lhe não tens mão, assim que se torne um homem cai na miséria, o que será uma causa de mágua para todos nós.

— Não te inquietes, Eugénia. Pedrinho é pequeno, mas sabe bem o que faz. Não me parece, porém, que seja o meu filho que te deva inspirar cuidados, mas sim Marianinha.

— A minha filha?! Porquê?

— Porque há muito tempo noto que ela se devia chamar «Sempre eu». Põe-se adiante de tudo e não pensa senão em si. Olha que o egoismo é a qualidade pior que existe e é bem raro que, tendo-se desenvolvido na mulher, a leve a bom fim.

Marianinha bateu o pé no chão irritada e exclamou chorosa:

— Tu estás a repetir tudo o que a avó disse no outro dia à mamã. Isso não vale. Não quero que me ponhas defeitos.

— Á mamã! imitou Pedrinho rindo. ¿Então tu não sabes que mamã já se não diz? ¿que é moda do sé-

culo passado? ¿Que desde que a rainha D. Amelia achou mais bonito pai e mãe todos voltaram às modas do tempo do senhor D. Miguel?

— Truz, truz!

— Vês, vês? Quando não repetes o que a avó diz, repetes as palavras do avô. Isto assim não tem graça, e, se continuas, não quero brincar mais.

— Não te zangues, vou agradar-te; ora ouve: ¿Como está, senhora D. Marianinha? ¿Todos os seus?

— Bem, muito obrigada, disse ela ainda levemente amuada, mas querendo brincar.

— V. Ex.ª é mais linda do que tôdas as flores do seu jardim. Estimo imenso saber que é tão boa dona de casa e que conhece bem o valor do ditado «remenda o teu pano, chegará até ao ano».

A cara de Mariana tinha tomado uma expressão tão satisfeita que Pedrinho deixando-se cair sôbre uma cadeira, desatou a rir com tanto gôsto que a pequena Mariana, por sua vez, rompeu num impetuoso chôro:

— ¡Estás a troçar de mim, isso é muito mal feito. ¡És um feio!...

— Não estou a troçar de propósito. Foi sem querer, é que... Ah! ah! ah! ¡Se tu visses a tua cara, não poderias ficar séria! ¡Ah! ah! ah! e redobrava de riso, enquanto ela redobrava de chôro.

— ¿O que é isso, meninos? que gritaria é essa? veio indagar aflita a mãe de Marianinha.

— Não é nada, tia; é a prima que vê o argueirinho no ôlho do visinho, mas não quer ver o cavaleiro no seu. Temos estado a brincar às visitas e ela era a tia e eu o paisinho que a vinha visitar. Enquanto me pôs defeitos estava muito contente; assim que eu lhos pus é o que a tia vê.

O pai de Pedro acudiu logo:

— Mas, meu filho, não me parece digno de ti que faças chorar tua prima.

— Eu conto como foi e verá que ela não tem razão.

E Pedro, já sério, repetiu o que se passara. E, quando terminou, disse:

— Como vê, tiasinha, eu tinha tanta razão para chorar como ela, mas...

Mariana enxugou os olhos e dando-lhe um beijo disse:

— Tens razão, Pedrinho; mas o que me fêz chorar não foi o que tu julgas, foi sentir *dentro de mim* que sou pior do que tu. Desde a conversa do tio, ao jantar, eu pensei que eras melhor do que eu, e... não fiquei contente.

— Vês? é o que te disse: «Sempre eu».

— Olha, vou dar todos os meus bonecos e fico só com os três últimos que me compraram. Exactamente como tu fazes e depois já não me sentirei má.

— ¡Era o que faltava! contrariou o pai de Marianinha. Eu estou mesmo disposto a comprar bonecos caros, para tu distribuires pelos garotos das ruas. Nem penses nisso.

Marianinha curvou a cabeça e disse para o primo num tom vexado:

— Já vês que não tenho culpa de ser pior do que tu. O paisinho não deixa.

Todos desataram a rir e os pequenos foram jogar o assalto.

Quando no fim do serão retiravam para casa. Pedrinho ia pendurado no braço do pai e muito silencioso.

— ¿Vais com somno? preguntou Manuel de Melo, notando o caso insólito.

—¿O que é insólito, menina Ema? preguntou Alexandre desta vez.

—É uma coisa extraordinária, uma coisa que não costumamos fazer ou ver com freqüencia.

—Vocês hão de sempre estar a interromper, censurou Francisco.

—¿Que respondeu o Pedrinho ao pai?

—Que não tinha somno, ia pensando na prima.

—¿Então que pensas tu? indagou Manuel de Melo.

—Penso que ainda bem que o pai da Marianinha não é meu pai. Deve ser uma coisa muito triste uma pessoa querer ser boa e não a deixarem ser.

—Contudo, volveu-lhe o pai, o tio Joaquim é muito amigo da filha e, como é rico, satisfaz-lhe todos os apetites.

—Pois sim, mas, apesar disso, eu não trocava o meu paisinho por êle.

—Porquê?

—Primeiro, porque é meu pai, os pais não se trocam; ¿depois para que serve à Marianinha ter tanta coisa, se não pode dispor de nada?

—É que o tio Joaquim ainda pertence ao número de pais que entende que tudo quanto é dos filhos lhes pertence, incluindo a própria pele que o corpo lhes reveste.

—¿Então a pele da Marianinha não é dela? preguntou súbitamente espantado Pedrinho.

—Não, é dos pais.

— E a minha?

— E' tua, bem que eu te não deixe dispor dela em coisas que ta possam prejudicar.

— E porque é que o pai, sendo mais pobre do que o tio Joaquim, me deixa ser dono das minhas cousas e fazer delas o que quero?

—Porque entendo tratar-te como se fôsses um homem e dar-te a responsabilidade dos teus actos. Além disso, se eu continuasse a dispor dos teus bonecos, êles eram mais meus do que teus. Emfim, eu penso que faço bem educando-te assim.

Quando se foi deitar Pedrinho resou junto do leito, como de costume, e pediu a nosso Senhor que fizesse com que o tio Joaquim desse à Marianinha a responsabilidade dos seus actos, e adormeceu serenamente.

*
* *

Marianinha pelo seu lado não podia conciliar o somno. O Pedrinho, que tinha muito menos do que ela, *tinha feito tantos meninos felizes* e ela não podia dar uma alegria a ninguêm, e merecera a feia alcunha de «Sempre eu». Que havia de fazer? Dava voltas e voltas na cama e soltava maguados suspiros.

— Que tens tu, Marianinha?

— Não posso dormir.

— Porquê? Doe-te alguma cousa? preguntou cuidadosa D. Eugénia.

— Doe-me a alma.

— A alma! exclamou a mãe desatando a rir.

— Não ria, mãesinha, não ria. Ha aqui dentro, e apontava para o peito, uma cousa que me diz: Tu nunca fizeste bem, és má, és a «Sempre Eu» enquanto que o Pedrinho, ai; o Pedrinho é feliz! faz o que quer de tudo quanto tem. Se eu assim fôsse talvez me tornasse boasinha.

E um soluço, mal reprimido, embargou-lhe a garganta. D. Eugénia comoveu-se. E beijando-a na testa aconselhou e prometeu:

—Vê se dormes. Eu amanhã falarei ao paisinho e vamos a ver se êle consente que tu disponhas das tuas cousas, como o teu primo. Não tenhas remorsos. Dorme.

— O que é remorsos?

— E' essa pena, êsse arrependimento, de não ter praticado o bem a que dás o nome de dor d'alma, socega. Alguma cousa se há de conseguir.

*
* *

No dia imediato D. Eugénia entrou no escritório do marido e, depois de demorada conversa, saiu muito alegre e risonha e dirigiu-se ao quarto de Marianinha. Esta tinha acabado de acordar.

— Então, minha filha, como passaste a noite?

— Bem, mãesinha, mas custou-me muito a adormecer. E a mãesinha?

— Trago-te uma boa notícia. Podes fazer dos teus bonecos o que quiseres.

— Tal qual como o Pedrinho?! preguntou incrédula.

— Não posso dormir.

— Tal qual, respondeu a mãe, mas vai agradecer ao Paisinho que está no escritório à tua espera. Vai assim mesmo de pijama que êle já está para sair.

*

* *

Entrando no escritório, Marianinha abraçou-se soluçando ao pescoço do pai e disse-lhe com voz en-

trecortada: Muito obrigada, paisinho, verá que não abusarei e nunca mais hei de ser «Sempre eu».

— E's uma tonta. Desconfiaste com as risadas do Pedro.

— Não, paisinho, não. E' qualquer cousa que fala dentro de mim e que me diz que não tenho sido bôa sôbre tudo para as filhas da minha ama e para os rapazes do guarda-portão.

— Nesse caso emenda-te. Não há nada que deva ser superior à voz da consciência. Eu já te devia ter habituado a ouvil-a. Emfim, minha filha, o êrro é meu e não teu. Estou pronto a reparál-o nos limites do possível. Ouve bem a consciência e faze o que ela te dictar.

— O que é a consciência?

— E' o que, dentro de ti, te diz que tens sido má.

E curvando-se diante da pequenina figura de Mariana, Manuel de Melo beijou-a na testa e saiu.

*

* *

Um criado foi mandado a tôda a pressa pedir aos pais de Pedrinho que, logo que o menino voltasse do colégio, o deixassem ir para casa dos tios porque havia lá festa.

O quarto dos bonecos foi arranjado de novo, e Mariana retirou dele as suas quatro principais bonecas e os competentes vestuários que foram guardados

no fundo do guarda-vestidos. Na mesa do meio foi disposto um *lunch* constando de frutas, queijo e doces. Mariana mandou chamar as filhas da ama e os rapazes do guarda-portão assim como tres meninas pobres que moravam em frente da sua casa.

Todos foram lavados, penteados e vestiram um dos seus bibes, o que, segundo a expressão de D. Eugénia, era já ir além do prometido. Marianinha corria a todo o instante para a janela na ânsia de ver chegar Pedrinho.

— Até que emfim! exclamou ela radiante vendo o aparecer ao fim da rua, e correu à porta a recebel-o. Enquanto subíam a escada contou-lhe o que se passara e como o pai lhe concedera licença de dispor do que era seu.

— Foi a minha oração, pensava Pedrinho, se eu não tenho pedido ao Pai do Ceu, ela não tinha arranjado nada. Mas calava-se modestamente para deixar à tia Eugénia a glória de conseguir tudo do marido. Quando Mariana acabou de falar, preguntou:

— E para que me mandaste vir?

— Para servirmos ambos à mesa. Como fostè tu que me ensinaste, queria que partilhasses esta alegria.

— Vês? Isso é um acto bonito.

— Olha, Pedrinho, eu não sou má, acredita; o que sou é malcriada, mas vais ver que me emendo.

— Deus queira.

Os dois primos ajudados pela criada de Mariana serviram à mesa os pobresinhos e, no fim da refeição,

distribuiram os bonecos por todos com a maior imparcialidade possível. Pedrinho, como mais habituado a actos desta ordem, é que tomava a direcção de tudo e Mariana cedia-lhe gostosamente o lugar.

Depois da festa terminada, Mariana e Pedrinho ficaram sós no quarto, ainda ha pouco tão cheio, e agora inteiramente despido.

— Não tens pena dos teus bonecos? preguntou Pedrinho duvidando da alegria de Mariana.

— Não, Pedrinho, não tenho. Não há maior alegria do que dar. Tu tens razão. E' um prazer maior do que todos.

— E que fazes tu agora, do quarto dos teus bonecos?

— Já pensei. Tu tens um mealheiro e eu tenho outro, sempre que os enchermos faremos uma festa aos pobresinhos.

— Então fazemos aqui a sêde duma associação de Beneficência. O director sou eu, tu és a secretária e os sócios hão de se arranjar. O meu pai, os teus, a tia Aninhas, o primo Victor e todos os mais que se arranjarem.

— E quando faremos outra festa?

Nas vesperas dos anos dos nossos pais e dos nossos.

— Isso demanda talvez muito dinheiro! Tu ainda não sabes contar.

— E tu?

—Eu há dois anos que faço contas, já tenho obrigação de saber.

Esta razão convenceu Mariana.

*
* *

Passaram anos e Marianinha deixou de ter a alcunha de «Sempre Eu» para lhe chamarem «Dá Tudo».

Agora, que é quási uma senhora, sente-se feliz de ter dominado o egoismo. E' ainda associada de seu primo Pedro, com o qual reparte alegremente a satisfação de bem fazer.

Seus pais, sempre diferentes dos de Pedro, que teem muito mais coração e inteligência, não gostam muito de tanta generosidade, mas consolam-se com o provérbio: «Quem dá aos pobres empresta a Deus». E vendo que a filha vive alegre e feliz contentam-se de que ela não ponha, como desejavam, a previdência acima de tudo.

*
* *

—Não teimes comigo! gritava quási a ponto de enrouquecer o pequeno Mário, puxando com fôrça o pau que Artur tinha na mão.

—Teimo sim, não percebo a razão pela qual has

de ser tu que tenhas o pau, e não eu, não sendo êle de nenhum de nós.

E fazia tanta fôrça para arrancar o pau da mão do companheiro que, não o tendo conseguido, caiu sentado no chão e desatou a chorar.

— Porque estás tu a chorar Artursinho? preguntou Bel assomando à janela.

— Porque a menina Ema saíu e não me levou.

— Não sejas mentiroso, disse repreensivo Aníbal, tu choras porque querias tirar o pau ao Mário e êle não deixou.

— Vamos a apurar êsse caso. Qual dos dois fala verdade? preguntou Bel sorrindo.

Limpando os olhos, Artur afirmou com sinceridade:

— Então para que mentiste?

Tive vergonha de ser teimoso, disse o pequeno baixando os olhos e corando.

— Pois eu não, disse Mário em tom arrogante e, montando no pau, como se fôsse num cavalo, afirmou: Eu quando teimo, teimo.

E rompeu numa corrida desenfreada através dos canteiros do jardim, fingindo empregar esforços enormes para domar a sua imaginária montada.

Bem se diz que não há um teimoso só.

— Quem teima, vence! exclamou radiante o victorioso cavaleiro.

Então Artur, encolerisado de novo, correu atrás dele e agarrando o pau tentou tirar-lho. Travou-se

lucta renhida e foi Mário desta vez o vencido. Mas não chorou; carregou o sobr'olho, franziu a testa, estendeu os beiços e, cruzando as mãos atrás das costas, começou a passeiar dum lado para o outro com ar apreensivo.

... e se afastou fingindo galopar.

Bel, que os examinara da janela, observou-lhe sorrindo:

— Com que então quem teima vence?

— Vence, afirmou Mário, e correu a arrancar de novo o pau das mãos de Artur. Ambos se maguaram na lucta e desta vez foi Anibal, que assistia á scena, que apanhou o pau, quando êle caíu no chão, e se afastou fingindo galopar.

Bel, desatou a rir e fez-lhes notar:

— Reparem o que os meninos ganham com isso: Tão cegos estão a brigar que nem notam que o outro fugiu com o objecto da sua disputa.

Então uma gentil mestiça, de dezoito anos, que assistia impassivel à scena, entendendo não intervir na lucta senão em caso de necessidade absoluta, começou a cantar numa voz alta e harmoniosa os versos que seguem. Ouvindo-os, os pequenos suspenderam a briga e vieram rodeiar a jovem cantora:

Não teimes comigo
Que sou valentão.
Se teimas rebolas
De ventas ao chão.

Não teimes comigo
Que tenho ventinha,
Nem ouses medir
A fôrça co' a minha.

Não teimes comigo
Pois sou tão feroz
Que todos, ao ver-me,
Gritam: «Ai de nós!»

Não teimes comigo
Porque, se o fizeres,
Has de ser o escarneo
D'homens e mulheres.

Não teimes comigo
Porque sou tão forte
Que todos me temem
Bem mais do que a morte.

O pequeno Mário
Assim se gabava,
E todos, em volta,
De mêdo gelava.

Ouvindo os louvores
Artur respondeu:
—¿Acaso tu julgas
Valer mais do que eu?

Á luta, valente,
Vais ver quem eu sou...
De certo que levo
Menos do que dou.

¿Acaso supões
Que, qual vil poltrão,
Me deixo vencer
Por uma canção?

«¿Não teime contigo?»
Pois hei de teimar.
E has de saber
Com quem vais brigar.

Verás como eu sei
Ao sôco jogar
E vais, na parede,
Gravado ficar.

Pois que tanto queres
Provar que és herói,
Verás como um nada
Te vence e destrói.

E logo a brigar
Os dois começaram
E acesos em fúria
No chão rebolaram.

O que vendo Anibal,
Sem se intrometer,
Fugiu p'ra Mãesinha
E foi-lhe dizer:

— ¿ Não pensa que é feio
Jogar a pancada,
Fazendo alarido
Por coisas de nada?

— Eu julgo que sim.
— Por isso fugi
E venho sentar-me
Bem junto de si.

A comer bolinhos,
Muito sossegado,
Pareço um menino
Que é bem educado.

— *Pareces*, meu filho,
Mas não és, porêm...
— ¿E ser ou não ser,
Que dif'rença tem?

— Se o fôsses não eras
Egoista assim,
Nem tinhas fugido
P'ra junto de mim.

Valias aos outros,
Só por bem fazer,
E nada dizias
Sem nada esconder.

Terias tentado
A luta acabar,
Mesmo que tivesses
Tambêm de apanhar.

Um homem não briga,
Mas tem de poder
Valer sempre aos outros,
Como é seu dever.

E, se é tão medroso
Que não sabe ousar,
Deve envergonhar-se
E não se mostrar.

Eu gosto de ti,
Mas não estou contente.
— Atenda, mãesinha:
Eu vou ser valente.

E vindo ao jardim
Os dois separou.
Depois, a correr,
De novo voltou

Junto da mãesinha,
Sem nada dizer,
Sentou-se no chão
E pôs-se a escrever:

«Um homem que é forte
«Faz bem e não diz,
«Mas pode escrevê-lo
«Se é muito petiz.»

— Não está assinado.
¿Pode adivinhar?
— Talvez, dá-me um beijo.
Já sei. Vai brincar.

— Mas isso não é verdade, Augusta, disse Anibal contrariado, quando a rapariga se calou.

— Não é verdade, mas podia ser.

— Não, não podia, porque eu, se visse o Mário a brigar com o Artur, não fugia para o pé da mãesinha a comer bolos.

— ¿Então que fazia?

— Batia em ambos êles.

— Então, em vez de ser um menino bem educado, era um menino malcriado.

— ¿Mas há malcriados valentes, pois não há?

— Lá isso há, concordou Augusta rindo.

— Então eu sou um valente malcriado.

Todos riram de o ver muito alegre fazer esta afirmação e correram para a grade do jardim.

É que na estrada aproximava-se um regimento, ouviam-se ao longe os sons da banda, tocando «A Portuguesa».

Os pequenitos aproximaram tanto, quanto possível, as cabecitas da grade; mas, avistando a bandeira, deram um passo para trás e fizeram a continência com a mesma gravidade com que soldados velhos procederiam. O jovem que a empunhava sorriu e no olhar fuzilou-lhe um raio de alegria, lembrando-se, talvez, do tempo em que era pequenino tambêm e assistia ao desfilar do regimento.

Os pequenos ficaram agarrados à grade e silenciosos, enquanto ao longo se perdiam os últimos acordes do hino nacional; depois saltaram para o chão e

Alexandre tomou o comando da tropa que num instante improvisaram.

O sol baixava lentamente no horisonte e Bel, abrindo a janela, disse:

— Está frio. É tempo de recolher.

Contentes, os pequenos precipitaram-se para a escada e os passaritos puderam de novo voltar ao jardim, que tanto amavam e do qual se viam expulsos umas poucas de horas no dia por causa da bulha do rapazío.

E era de ver a graça com que os pardalitos se passeiavam nas ruas areadas, seguros já de que, àquela hora, ninguêm os vinha interromper e de que o formoso jardim era inteiramente seu.

*
* *

— ¿E hoje? ¿Que história conta, menina Ema?

— Conto-lhe a história duma menina bonita.

— Não quero meninas, quero rapazes.

— Mas tu não tens querer.

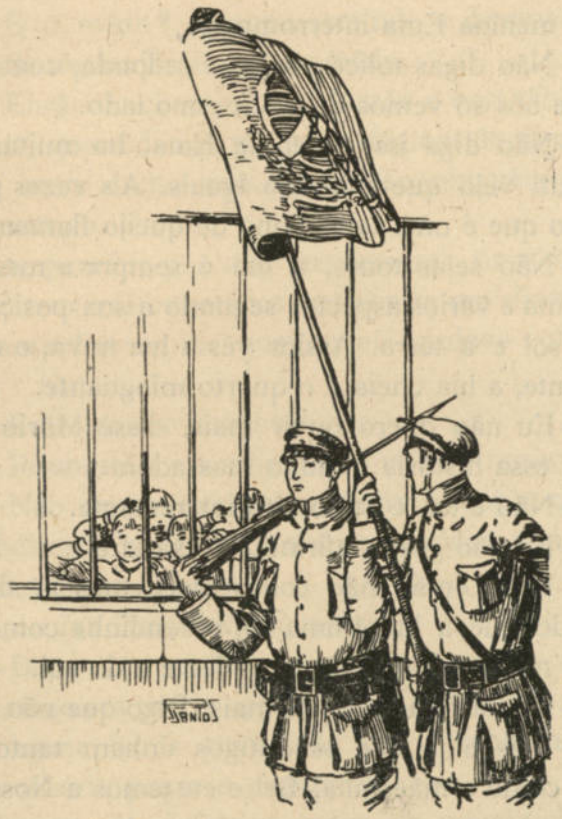
— O' menina Ema, pediu Anibal muito terno, não fale de meninas, não?

— Então de que queres tu que eu te fale?

— Da lua. Porque é ela tão grande e as estrêlas tão pequeninas?

— Porque está muito perto da terra e elas estão longe, muito longe.

— Muito perto não está, porque eu não posso



... e fizeram a continência...

apanhá-la. A menina Ema não podia ir à lua com uma escada muito grande? preguntou Anibal.

— Não, a lua está a uma distância tal que não ha escadas que lá cheguem.

— E' tão grande e tão chatinha... ia a dizer Alexandre.

A menina Ema interrompeu:

— Não digas tolices, a lua é redonda, como uma bola, e nós só vemos dela o mesmo lado.

— Não diga isso, menina Ema, ha muitas luas. Eu bem vejo que não são iguais. A's vezes parece mesmo que é uma talhadinha de queijo flamengo.

— Não sejas tonto, a lua é sempre a mesma, o que toma é vários aspectos segundo a sua posição entre o sol e a terra. Assim vês a lua nova, o quarto crescente, a lua cheia e o quarto minguante.

— Eu não quero ouvir mais, disse Mário bocejando, essa história é muito massadora.

— Não é tal, é até muito interessante.

— Eu não gosto, afirmou Alexandre.

— Bem, então não conto mais, mas já ficaram sabendo que a lua é uma só, redondinha como uma bola e não tem luz própria, reflecte a do sol.

— Eu não quero ouvir mais. Digo que não gosto.

— Pois olha que os antigos tinham tanto amor á lua como a mãesinha, Bel e eu temos a Nossa Senhora.

— Deixá-lo, não tenho eu.

— Queres tu que eu te conte a historia do deus dos Infernos?

— Não. Tenho mêdo, disse Mário.

— Eu não tenho, afirmou Francisco, conte, conte.

— Conte, pediram os outros.

— Então o deus dos Infernos hei de ser eu, pediu Mário.

— E o mêdo? indagou sorrindo a menina Ema.

— Se fôr eu já não tenho mêdo.

— Então tu chamavas-te Plutão e eras tão feio e tão preto que tôdas as mulheres fugiam de ti, e, apesar de seres muito rico e poderoso, ninguêm queria casar contigo.

Desesperado, por não encontrares uma rainha, para os teus vastos estados, resolveste um dia roubar a formosa Proserpina quando ela andava colhendo flores.

— Eu roubei a menina?

— Roubaste e ela afligiu-se e chorou muito.

— Não quero, exclamou Mário aflicto e quási a fazer beicito. Eu não faço mal ás meninas, não quero a Proserpina para nada.

A menina Ema desatou a rir:

— Bem, não se fala mais nisso. Antes de chegar ao teu reino era preciso passar um rio chamado Aqueronte, numa barca governada por Caronte, ao qual era necessário pagar a passagem.

A' porta dos Infernos estava um grande cão que tinha três cabeças e se chamava Cerebéro. Os Infernos eram uns lugares muito vastos que existiam debaixo da terra, para onde iam, nesse tempo, as pessoas que morriam. Dividiam-se em dois: Um era o Tártaro e o outro tinha o lindo nome de Campos Elisios. O primeiro era um lugar terrivel e medonho,

para onde eram levados todos aqueles que neste mundo tinham feito maldades, o segundo era um jardim magnífico, cheio das mais belas flores, onde os que tinham sido bons na terra passavam uma vida agradabilíssima.

Logo que se entrava nos Infernos havia três juizes que vinham julgar os mortos.

— O que é julgar, menina Ema?

— E' saber se as pessoas fazem bem ou mal. No primeiro caso absolve-os e no último dá-lhes qualquer penalidade a cumprir.

— Então eu quero ser juiz, declarou Francisco.

— Pois sim: Tu és Radamanto, o Alexandre é Minos, e o Anibal é Eaco.

— E eu? preguntou Henrique.

— Não ha mais juizes só se quiseres ser uma das Fúrias que tambêm são três.

— Não, Fúria não quero ser.

— Sou eu, disse Artur, não me importa de ser Fúria.

— Mas tu sabes o que faziam as Fúrias?

— Eu não.

— Estavam sempre a fazer mal aos criminosos.

— Ai!... Isso não quero eu. E voltando-se para Anibal pediu: Deixa-me antes ser Juiz e és tu a Fúria?

— Não, respondeu Anibal secamente, a Fúria és tu.

Artur rompeu num chôro impetuoso. A menina Ema e todos os outros meninos desataram a rir.

A janela do toucador abriu-se e a cabeça da ceguinha assomou a ela, preguntando:

— O que é isso? Porque chora assim o Artur e se estão rindo com tanto gôsto?

— Porque não quer ser Fùria.

E a menina Ema explicou o ocorrido.

A boa senhora sorriu e emendou:

—Ele tem razão. Eu também não quereria ser Fúria por caso algum, mas assuntos tétricos não é grande ideia. Conte-lhes antes qualquer cousa que os faça rir. Não vão às vezes sonhar com isso.

—Bem, então vou contar o «Palhaço Endiabrado».

—Era uma vez uma menina muito engraçada, e tanto que até se chamava Maria da Graça. Era muito linda e apesar de pequenina tinha já o propósito duma senhora. Sabia muito bem fazer as honras da casa, quando a mãe estava doente, e encantava todos pelas suas maneiras senhoris. Um dia, em que tinha dado uma magnífica lição, os pais levaram-na ao Coliseu. Nunca Gracinha tinha visto palhaços. Entrando no Coliseu, ia pela mão do pai quando, no corredor, apareceu imprevistamente um palhaço ricamente vestido de setim vermelho bordado a prata e com um nariz quási do tamanho dum palmo. O palhaço, vendo Gracinha tão elegante e bonita ficou encantado e, esquecendo a maneira por que estava vestido, aproximou-se dela exclamando: Ai! que belezinha.

Ela soltou um pequeno grito e pendurou-se no casaco do pai num gesto aflictivo.

Ele sossegava-a dizendo:

— Não tenhas mêdo filha, olha que te não faz mal, mas a pequena estava de tal modo estarrecida que o palhaço disse-lhe em mau português:

—Eu já faço menina rir e desapareceu rápidamente pelo lado oposto àquele por onde tinha aparecido.

Graça então respirou e poude preguntar ao pai:

— Ele não volta?

— Não, mas mesmo que voltasse não te faria mal algum, é um homem como eu.

— Tenho muito mêdo dele.

— Não tens razão.

Entraram na sala do espectáculo e sentaram-se na terceira fila, porque Gracinha pediu para não ficar à frente.

Junto dela estava sentado um pequenito que era acompanhado por uma senhora a quem chamava tia. Os pequenos ficaram sentados um junto do outro e riam ambos, com muito gôsto, duns macacos que estavam sentados á mesa, comendo com um grande propósito e dando-se ares de pessoas bem educadas.

— O que eu gostava de ter um dêstes macaquinhos! disse Gracinha voltando-se espontâneamente para o seu visinho no desejo de comunicar o que sentia a uma pessoa da sua idade.

—E eu, respondeu ele, preferia o que serve á mesa para meu criado.

— Ai! que belezinha!

Nisto, o palhaço que assustara Graça no corredor, entrou correndo pela sala e, saltando por cima da mesa onde os macacos jantavam, foi cair do outro lado, no chão, fingindo-se morto.

O macaco, que fazia de criado, correu a prestar-lhe socorro assim como os outros.

E a macaca que estava á mesa, tinha muita graça vestida de senhora, nos modos exagerados com que imitava os gestos das raparigas elegantes vendo-se ao espelho, ageitando o chapeu e colorindo os lábios, enquanto os outros três procuravam por todos os modos chamar á vida o fingido morto. Foram buscar os criados para levarem o falecido e então êle, dando de repente um salto, veiu sentar-se numa cadeira vazia em frente de Gracinha. Ela empalideceu e deixou de rir, mas o seu pequeno visinho, rindo cada vez mais preguntou ao palhaço:

— O senhor é que é dono dos macaquinhos?

—Sim, macaquinhos *serem* meus.

Gracinha olhava com espanto a ousadia do seu visinho e agarrava-se cada vez mais á mão do pai.

— Como chama-se *minino*?

— Chamo-me Helder.

—Quer ver macaca ao pé?

E, ainda o pequeno mal tinha esboçado um gesto de assentimento, já êle lhe tinha pegado ao colo e, dando um salto, caia no meio do círculo e poisava com cuidado o pequenito no chão. Gracinha estava consternada.

—E se os macacos fazem mal ao menino? Se o palhaço o leva?

O pai tentava sossegá-la.

Entretanto Helder, sem perder o sangue-frio era

apresentado a M.me Blanche e a Monsieur de Noirac a quem dava um apêrto de mão com graça inexcedivel. O terceiro macaco aproximou-se e o palhaço declinou o seu nome em nova apresentação: Monsieur Vernet. Então um criado foi chamar um tremsito, puxado e guiado por cães, e aquela interessante família saiu do círculo pelo sector por onde havia entrado; e o palhaço, pegando no pequeno Helder e sentando-o na palma da mão, foi colocá-lo junto da tia, dizendo:

— Obrigado por fiar de mim *minino*.

E, dando um guincho, a que respondeu outro palhaço que entrava a tocar tambor, enfiou a seguir seis ou sete cambalhotas e começando a despir-se diante de todos ficou em camisa de noite.

O outro veio a correr por detrás dele e roubou-lhe o fato. Ele não se importou, deitou se no chão e pôz-se a dormir. Então os macacos voltaram. Puxaram-lhe pelo nariz, pelas orelhas, pelos cabelos e, tendo verificado que êle se não mexia sentaram-se todos em cima dele. E, com grande pasmo dos pequenos espectadores, o palhaço levantou-se de repente e foi crescendo e a camisa aumentando até atingir mais de dois metros! Os macacos iam todos suspensos a êle. Quando atingiu o máximo da altura agarrou-se a uma corda, suspensa dum trapézio, e soltou um guincho a que respondeu um dos macacos que agilmente saltou para um trapézio. Por gritos sucessivos os outros imitaram o primeiro e por fim o palhaço seguiu os macacos. Nesta altura apareceu o palhaço que tocava tambor

gritando muito, cresceu, cresceu, como o outro, até atingir a corda, mas esta quebrou-se e êle veio cair sôbre o tambor que arrebentou com enorme estrondo.

Gracinha assustou-se e Helder empalideceu lembrando-se de que aquele estampido podia ter-se dado quando êle tinha estado no meio do círculo.

Quando o espectáculo acabou os pequenos despediram-se e as pessoas que os levavam cumprimentaram-se e retiraram.

Já na rua Gracinha ouviu uma voz que lhe preguntava com assento estrangeiro:

— Ainda tem mêdo mim?

Era um homem, muito bem vestido que, se não fôsse a voz, ninguêm diria que era o mesmo que havia minutos tanto fizera rir a criançada.

Ela disse que não e o homem explicou ao pai de Graça que lhe tinha morrido uma filha pequena, que era todos os seus encantos, a mãe morrera também, e êle, a quem tôda a gente chamava o endiabrado palhaço, e levava a vida a fazer rir todos, comovia-se com a vista das crianças e era raro que no fim do espectáculo não evocasse o rostinho da filha, agora no ceu, mas que na terra, tanto ria das suas pantomimas. E lembrando-se de como ela ria o palhaço chorava.

— Não quero mais menina Ema, disse Alexandre com ar aborrecido. As histórias de palhaços teem graça vistas, mas contadas não.

— E não gosto que os meninos morram, afirmou Anibal.

— Mas tem paciência não pode ser tudo ao teu gôsto, volveu a narradora.

— Conte-me outra, pediu Henrique.

— Agora não. E' muito tarde. Amanhã.

*

* *

E' um dia de tristes recordações para a protectora do orfanato de Campolide. Faz anos, e fazer anos só é agradável quando se é novo e se reune á mesa da família todos aqueles que amamos. Quando os anos já pesam sôbre nós, não é assim. Morrem os pais, os irmãos, enfim é raro conservar os afectos que foram tôda a nossa alegria. Felizmente porém, cada um sente segundo a sua idade e experiência e os pequeninos do orfanato estão contentes julgando que a sua desvelada protectora tem, ao fazer anos, a mesma satisfação que eles costumam sentir. Mário anda numa grande alegria o que o faz dizer muitas vezes «Sou criado de vocência» frase que o encanta e repete muita vez, sobretudo sempre que quer ser agradável a alguem. Logo de manhã, o correio trouxe uma carta duma amiga dos pequeninos que, julgando interpretar o sentir deles escrevia assim, na intenção de suprir a falta de expressões que êles ainda tinham, que não de sentimento:

5 de Outubro.

Mãesinha, pede o seu filho,
Que primeiro aqui chegou,
Que Deus lhe dê tôda a vista
Que dos olhos lhe tirou.

Anibal, pondo as mãositas
Com graça e com devoção,
Roga ao Senhor que dê vista
A' mãe do seu coração.

Francisco também suplica
Que o veja a homem chegar,
Recolhendo nesta casa
As criancinhas sem lar.

E Mário promete á Virgem
Com persuasiva inocência:
—Se der a vista à mãesinha
«Sou criado de vocência».

Parece que as suas preces
Subiram de pronto aos ceus,
Pois, nos corações, ouviram
Esta resposta de Deus:

Pode a fé, quando é bem funda,
Tôda a doença curar:
A mão que tudo nos tira
De novo nos pode dar.

Tereis a vossa Mãesinha
Embora viva a sofrer:
Quem os meus anjos ampara
Tem por fôrça de viver.

Esta agradável sentença
A todos nos dá prazer.
Eu, que sou velha egoista,
Muito folguei de a saber.

* * *

Os pequenos ficaram muito satisfeitos de se verem citados nos versos e Mário estava mais encantado do que todos êles por ter sido citada a sua frase predilecta.

Todos correram a dar parabêns á sua Mãesinha que se desfazia em lágrimas de saudade que para êles não tinham explicação.

Logo que, após o almôço, foram para o jardim, Alexandre que se mostrava pensativo, chamou Anibal de parte e preguntou-lhe:

— O' *Anivel* tu não sabes porque motivo está a mãesinha a chorar no dia dos seus anos?

Anibal pensou um bocado e respondeu:

— Naturalmente é que ninguêm lhe deu bonecos.

Todos correram a dar os parabêns...

— Tu és tonto! Então não vês que a mãesinha já não brinca.

— Não brinca com o que nós brincamos, mas brinca com flôres, santinhos, livros, e muitas outras cousas. Não teve bonecos dos seus, é o que é.

— Se eu tivesse dinheiro ia comprar um boneco

para a mãesinha, disse Alexandre com pena, mas sou tão pobresinho!...

— Pede á Bel. Ela é amiga, se tiver dá.

E partiram os dois a correr para pedir a Bel bonecos para a mãesinha.

A boa senhora, que era a paciência personificada, foi á dispensa arranjar tantos embrulhos de bolos, quantos os pequenos e êles tiveram a ilusão de que davam presentes á sua protectora que sorria satisfeita recebendo-os.

— Vês? exclamava Anibal triunfante. Vê lá se ela chora agora, eu bem te dizia.

Francisco observou:

A mãesinha está-se a rir por lhe darem o que é dela. Então vocês não veem que tudo que está na dispensa é da mãesinha?

Esta razão atrapalhou os pequenos, mas Aníbal, querendo achar saída a tudo, volveu:

— Pois sim, mas a Bel é que tem a chave e, se ela não der, a mãesinha não pode comer.

— Mas a mãesinha é que manda em todos, tu bem sabes: a prova é que queres sempre fingir de mãesinha.

— Deixa-o lá, comentou Artur, ele é mais pequeno não sabe o que diz nem o que faz.

Nisto a menina Ema, descendo a escadaria florida, foi sentar-se a fazer meia á sombra duma oliveira ainda pouco desenvolvida, mas grande bastante para a abrigar a ela e á sua gentil ninhada.

Os pequenos correram logo.

— Então hoje que nos conta, menina Ema?

— Vou contar-lhes a hisótria de Eco.

— Sou eu?

— Eco era uma menina, não era um rapaz. Portanto nenhum dos meninos pode desempenhar êste papel. Os seus pais eram o Ar e a Terra.

A deusa Juno gostava muito dela, mas, sabendo um dia que Jupiter lhe contava os seus segredos e a mandava fazer recados que lhe desagradavam, privou-a de se servir da língua. Por mais esforços que fazia para falar não podia, e, tudo que conseguia, era repetir as últimas sílabas das palavras que ouvia. Como se tal desgraça não bastasse, viu-se despresada de Narciso a quem muito amava, assim como tôdas as divindades que o viam. Êle, porém, não gostava de nenhuma, mas um dia, ao voltar da caça, teve sêde e, aproximando-se da fonte, viu-se reflectido na água e ficou encantado consigo mesmo. E daí é que vem aquele dito que os meninos ouvem tanta vez quando ficam pasmados diante do espelho: «olhem para aquele Narciso». Mas, voltando á história, tão apaixonado ficou pela sua própria imagem que morreu e foi transformado na linda e perfumada flôr que ainda hoje tem êsse nome. A infausta Eco, vendo-se sem língua e despresada ficou tão triste e desolada que retirou para montes e bosques onde morreu de desgôsto e foi depois transformada em pedra.

— O' menina Ema, preguntou Henrique, o que vem a ser infausta?

— Olhem para aquele Narciso

— E' uma criatura que não é feliz. Deixem-se de preguntas senão nunca mais chego ao fim. E, desde então, o seu espírito vagueia pelas quebradas das ser-

ras, pelos fundos dos poços e dos vales repetindo sempre as últimas sílabas das palavras que os humanos pronunciam. Juno foi implacavel! Ardia em ciúme contra a pobre Eco que recebia os segredos do marido e lhe fazia recados de que ela não gostava. Apesar de rainha dos deuses era má e vingativa, não sabia perdoar, por isso a pobre Eco está condenada a repetir constantemente as últimas sílabas das palavras que os humanos dizem num tom dolente e triste. A última vez que passei o verão em Camarate sentei-me na borda do poço, e fiquei ali muito tempo a pensar, e, como quisesse distrair-me, lembrei-me de que «quem canta seu mal espanta» e comecei a cantar. Querem vêr o resultado? Oiçam então:

Eu

Canteiro do meu jardim
Que é de rosas açafate
Não ha nenhum mais bonito
De Lisboa a Camarate.

Eco

Áte.

Eu

¡Como hei-de as rosas regar!
¡Tudo que tento se empata!
Não tenho nada que atar
E quanto ato se desata.

Eco

Ata.

Eu

A corda está já partida,
Só falta um fio quebrar
Caíu no fundo do poço.
(¡Que mania de mandar!)

Eco

Dar.

Eu

Dar! É preciso ter quê.
Eu só tenho tristes ais.
Dinheiro, nem dez centavos,
Ficou-me a bôlsa em Cascais.

Eco

Cais.

Eu

Não caio. Sou cuidadosa.
Quero a roldana atingir.
Sôbre os troncos da mimosa
Sei livrar-me de cair.

Eco

Ir.

Aonde? ¿Se ninguêm vejo,
Nem mesmo sei quem me fala?
Mal uma palavra diz
Logo de pronto se cala...

Eco

Ala!

Eu

¿Qual ala, nem meio ala?
¡Se me fala à falsa fé!
Não me inspira confiança...
Diga primeiro quem é.

Eco

E'.

Eu

¿Porque hesita em acabar?
Como vê, já estou de pé,
Não posso a corda atingir
¡Valha-me aqui São José!

Eco

Zé.

Eu

Zé, não conheço nenhum,
A não ser o Zé da Nóra,
Que é vèlhinho e já careca
E junto ao moinho mora.

Eco

Ora!

Eu

Qual ora! Falo a verdade.
Pregunte nesses casais,
Na quinta das Cotovias,
Na da Quelha e d'Olivais.

Eco

Vais.

Eu

Não esteja a teimar comigo.
Não vou, já disse, não vou.
Alguêm foi, sem saber onde,
E depois nunca voltou.

Eco

Ou...

Eu

Não me esteja a ameaçar,
Não me temo dum boneco.
¿Não quer dizer o seu nome?
É muito esperto seu méco.

Eco

Éco.

Eu

¡Ora até que finalmente!
Cansei o bestunto em vão.
Se a memória me não mente
Tu és bela e tens senão.

Eco

Não.

Eu

Não negues, tu andas sempre
No poço, mata e jardim,
Juno privou-te da língua
Só podes falar assim.

Eco

Sim.

— Ora aqui teem, meus lindos, disse a menina Ema, como a infeliz Eco me confessou que era ela que a todo o momento se lamenta por aí. E qualquer dos meninos pode verificar esta verdade. Se falarem à borda do poço hão de ver.

— ¿Vamos ao poço, menina Ema?

— Pois sim, mas hão de ir com muito propósito. Ficam cá de longe e só fala um de cada vez. Olhem que se Eco os apanha, a-pesar-de ter sido muito alegre, faz-lhes a tristeza de os levar para o fundo do poço e êle é tão frio e tão escuro!...

— Vamos ouvir, vamos ouvir.

E a gentil rapariga, rodeada das crianças, dirigiu-

se ao local indicado, onde cada um, por sua vez, ouviu Eco repetir as últimas silabas do que dizia.

Retiraram-se graves e silenciosos, e, desde então, não houve coisa que êles mais receiassem do que aproximarem-se do poço.

Ajoelharam ambos sôbre as camas.

Nessa noite, ao deitarem-se, depois de terem pedido a Deus pela vida da Mãesinha, Anibal chamou Mário:

— Já dormes?

— Não. ¿ Porquê?

— Estou a pensar que naturalmente aquela Juno,

tão má, que privou Eco de falar, talvez fôsse quem tirou a vista à Mãesinha. ¿Que te parece?

— Olha que é muito possível. E não se lembrou ela de a levar para o fundo do poço...

— E' que Nossa Senhora não deixa.

— E se nós lhe pedíssemos que tirasse a pobre Eco daquele sítio tão frio e tão escuro?

Foi dito e feito. Ajoelharam ambos sôbre as camas alvas de neve, e, de mãos postas, com muita fé, pediram à Virgem Santa que tirasse Eco do fundo do poço.

A menina Ema, que entrava naquele momento, preguntou:

— ¿Que fazem aí de joelhos?

As crianças explicaram.

A formosa rapariga não pôde rir. Uma lágrima brilhou-lhe no olhar e exclamou, pondo as mãos:

— ¡Abençoada seja a inocência!

Assim dizemos nós.

FIM

História duma cadelinha

Nitouche era uma gentil cadelinha branca, que tinham oferecido em Paris a uma das nossas mais notáveis artistas, da scena, ha pouco falecida. Quando lha deram era tão excessivamente pequena que a actriz metia-a na algibeira do casaco, ondé ela, de cabecita de fora e sempre a tremer de frio, despertava a cubiça de tôdas as crianças que, mal a viam, ambicionavam possuí-la.

A sua dona tinha-lhe muita amizade e tratava-a com tantas pieguices que chegavam a aborrecer às criadas da casa.

— Ora digam-me os senhores se isto tem geito, preguntava a criada da casa quando acompanhava a cadelinha à rua, aos caixeiros da tenda, fronteira à casa onde viviam, já viram mandar uma mulher à rua passeiar uma bolinha de pêlo?

Ela tem o caixote em casa, não faz tolices, é uma criaturinha muito mais bem educada do que algumas

crianças que para aí andam; mas isso não é razão para que eu ande aqui horas na rua de baixo para cima e de cima para baixo a passeiar êste nico tendo em casa tanto que fazer.

— Deixe lá, respondia-lhe o mais velho dos caixeiros, tudo é trabalho e êsse não é dos mais pesados. Enquanto faz um não pode fazer o outro. Êsse é leve, não lhe estalfa o peito.

— Não digo menos disso, mas é assim uma coisa a modo... não sei como, fazerem duma mulher criada dum cão, não lhe parece?

— Cá por mim, dizia o Manoel da loja, o mais novo dos merceeiros, eu antes queria ser criado dum cão do que duma pessoa. O cão levo-o eu para onde quero, enquanto que as pessoas podem levar-me para onde me não agrade.

— Lá isso é verdade, concordou a rapariga já mais conformada com o seu papel de aia da Nitouche, você tem razão.

— Se tenho! Andar aqui com oitenta e noventa kilos às costas a subir até terceiros e quintos andares, para levar géneros aos fregueses que, na maioria dos casos, nem nos gratificam, chegar à noite arrasadinho de trabalho, não é trinta vezes pior do que passear a Nitouche que, a bem dizer, não dá pensão nenhuma?

— Não é tanto assim. Logo que acorda toma o seu banho, perfumado, já se vê, que é para parecer bem às visitas, põe uma gravata da côr do vestido da dona e come uma assordinha, depois dá o primeiro

passeio e vai fazer companhia à dona. A' uma toma a segunda refeição e às tres sai com a dona de carruagem; isto em dias em que não ha ensaios, porque, quando os ha, vai mais cedo e eu vou também para andar atrás da menina que se não perca; emfim passo a minha vida a correr atrás do formoso bichinho. Ao jantar come à mesa com a senhora, nos dias em que não ha visitas, e nem tôdas as comidas lhe servem. É biqueira! Só gosta de gulodices como certos meninos que eu conheço.

Depois é necessário lavar-lhe o focinho, para não sujar as sedas dos vestidos da minha senhora, emfim é um trabalho estúpido e constante que nunca está pronto, concluiu Claudina com aborrecimento.

— Pois olhe, tornou Manoel, se eu pudesse trocava a minha sorte com a sua e tinha muita razão para me sentir satisfeito.

O mais velho dos caixeiros disse:

— Vi ha pouco a sua senhora por dentro dos vidros e fêz-me pena... Não parece a mesma.

— Os médicos não lhe dão dois anos de vida.

— Eles sabem lá o que dizem! Também profetisaram que eu não escapava sem a operação e afinal ando aqui todo lépido.

— Olhe, o que eu não sei é se ela escapará de tanto remédio. E' raro o mês que não vai para a botica um conto e mais!

— Que será da Nitouche se ela morrer?

— Já está prometida a uma das mais dedicadas

amigas da minha senhora que bebe os ares por ela. A minha senhora é muito previdente, pensa sempre em tudo.

*

* *

Passaram meses e a profecia dos médicos realisou-se, a actriz morreu e a dedicada amiga herdou-lhe a cadelinha. Pôs-lhe ao pescoço uma fita negra e entre soluços dizia: Morreu-te uma mãe, mas fica-te outra, Nitouche, eu heide estimar-te e querer-te como ela te queria.

E depois do entêrro sair, despediu-se de todos, com muitos exageros de lamúria, e regressou no seu lindo automóvel à esplêndida casa que possuia nos arredores de Lisboa.

A cadelinha não ia contente. Sentia saudades da dona que era tão realmente sua amiga e notava que a sua nova possuidora só lhe dava atenção diante de gente. Então sim, fazia muitas macaquices graciosas olhando-se de soslaio ao espelho, mas, logo que não tinha quem admirasse os seus graciosos meneios, não fazia caso dela.

Nitouche sentiu frio no coração. Olhava em volta e lamentava-se ganindo tristemente. A comida era boa, mas já lhe não adivinhavam os apetites, emfim. era bem tratada, mas tinha desaparecido o carinho afectuoso de que fôra alvo durante alguns anos.

Andou de luto pela dona, o tempo que a família andou, até que um belo dia, ao ver-se ao espelho, ficou contente por se ver de novo com um laço côr de rosa que lhe lembrava as galas da sua primeira juventude. Deitou-se no chão repousando o focinho nas patas dianteiras e, dilatando tristemente as pupilas, fixou as flores do tapete deixando o pensamento recordar os afagos perdidos e os bolinhos de ovos que de propósito lhe compravam na Marques do Chiado.

Uma noite, um senhor muito bem vestido, trouxe de presente à sua ama um enorme Terra-Nova que dava pelo nome de *Flay*. Nitouche teve mêdo do gigante e, como não estava habituada a vencer o mêdo, ninguêm lhe tinha dado lições do domínio próprio, foi relegada da sala para a casa dos engomados e em pouco tempo foi esquecida pela sua dona que dava todos os seus carinhos ao lindo e enorme cão de que todos tremiam.

Por circumstâncias, que não vêm para o caso, a dona da Nitouche e de Flay teve de regressar à Capital e, como aborrecia Nitouche que começara a perder as graças juvenis, desembaraçou-se dela deixando-a aos caseiros.

Nos primeiros dias a cadelinha não comeu. Nem acepipes, nem banho, nem nenhum dos cuidados de que uma cadela bem nascida costuma ser alvo, lhe foram ministrados. Umas sopas de pão amolecidas em azeite era o único prato que ofereciam ao seu focinhito

ainda guloso. Deitou-se sôbre a relva dum canteiro decidida a não comer mais, tanto se sentia infeliz e desgraçada. Com o focinho sôbre as patas, sua posição predilecta, pensava na sua desgraça quando se aproximou dela um cãosito pequeno e negro, de pêlo curto, e, entrando de dar à cauda, começou de fazer-lhe festas e preguntas ladrando êle e ladrando ela. Como os meus meninos não compreendem a linguagem dos cães eu vou traduzir-lhes a conversa.

— Tu és uma linda cadelinha! Como te chamas?

— A minha dona chamava-me Nitouche, mas esta gente trata-me por Nico.

— E' um nome mais bonito e que te fica bem.

— Eu gostava mais do outro.

— Tinhas mau gôsto.

— E tu, como te chamas?

— Não tenho nome, apelidam-me de vádio.

— Onde moras?

— Não tenho casa, nem dono, nem pão. Como o que por acaso apanho e apanho muito pontapé quando ando à procura de pão.

— Como és infeliz!

— Infeliz eu?! preguntou êle com espanto. Não, não sou tal. Conheço muitos cães, muitas cadelas, troco com êles as minhas ideias, corremos, brincamos... Não se pode chamar a isto ser infeliz. Perdi, é certo, os meus pais quando era criança. Era ainda muito novinho quando o dono da quinta onde nasci me meteu num saco, com mais tres irmãos, e me foi lan-

çar muito longe de casa dele, junto dum grande plátano, que sombreava a fonte da povoação. As raparigas que vinham encher as bilhas iam levando os mais bonitos, como eu era o mais feio, ninguêm me quis. Não me desconsolei, segui uma velha que era mais morosa no andar e fui parar à porta da estalagem da povoação. Deram-me ali os restos da comida e pus-me no habito de ir lá jantar todos os dias, à mesma hora.

— E almoçar, não almoçavas?

— Uma comida só chega perfeitamente para alimentar o organismo. Comer de mais é vício. Emfim, depois quis conhecer terras e dei-me ao trabalho de viajar. Fiz longas marchas acompanhando soldados. A's portas dos quarteis ha sempre comida para os cães, o soldado estima geralmente o cão e considera-o, como realmente é, o melhor amigo do homem. Batido aqui, afagado acolá, vim parar a esta aldeia. Andava à procura duma cadelinha que quisesse casar comigo, mas vejo-te tão pouco habituada a viver com os cães, a conhecer os nossos usos e costumes, que não sei se me atreva a propor-te casamento. Que dizes?

— Tu agradas-me muito, Vadio. E's lindo, tens um pêlo negro e luzidio que te faz parecer sempre bem, és decidido, valente, gosto de ti e não vou longe de te aceitar para marido, mas, pensa bem, eu não tenho o hábito das longas caminhadas, sou fraca, não irei ser um estôrvo na tua vida?

— Olha Nico, nós, os cães, somos muito mais de-

dicados do que as pessoas. Quando nos afeiçoamos é realmente para a vida e para a morte. Crê que eu serei incapaz de te abandonar como fêz a tua segunda ama. Vem comigo.

Nitouche reflectiu um momento e, erguendo a cabeça com resolução, respondeu lacónicamente:

— Pois sim, vou.

— Ha quanto tempo não comes? preguntou êle carinhoso.

— Ha dois dias.

— Já devias ter fome, mas estás gorda, tens muitas reservas que gastar. Vamos a brincar um bocado.

E começou a correr, parando a pouca distância para se deixar apanhar por ela. Envolviam-se então rosnando numa grande brincadeira e de novo recomeçavam as correrias.

Nitouche estava radiante. Sentia-se viver. Nunca, durante o tempo da sua vida passada, soubera o que era a convivência dum animal da sua espécie.

Parecia-lhe que era de novo jovem, ladrava e rosnava com um prazer novo: o prazer de ser compreendida pela voz.

Uma meia hora depois sentiu fome e voltou a lançar-se ao prato das sopas que repartiu com o seu companheiro.

Quando terminou a refeição deitou-se de novo sôbre a relva. O Vadio deitou-se-lhe ao lado e conversaram.

— Então ainda estás muito triste? preguntou o cão. Souberam-te muito mal as sopas?

— Nunca comida nenhuma me soube melhor.

— E' que não ha melhor aperitivo do que a fome e tu ainda não a conheceste.

Êle contou-lhe então a sua longa vida de aventuras e à noite, quando o luar rompeu, puseram-se os dois a caminho.

Nitouche lançou um olhar de despedida àqueles sítios, onde tinha vivido na abundância, embora sem carinho, e seguiu o Vadio que, de quando em quando, parava para ter o prazer de ladrar à lua. Numa balseira visinha o rouxinol fazia-se ouvir, e a sentimental Nitouche dizia ao seu amigo cão que lhe parecia estar ouvindo uma grande cantora italiana chamada Tetrazini que, nas suas vindas a Lisboa, costumava freqüentar as salas da sua ama onde fazia ouvir a sua linda voz.

Passados uns tempos Nitouche sentiu-se doente e disse ao marido:

Vadio vai chamar o veterinário, sinto-me doente.

Êle pôs-se a rir. Essas invenções dos homens! Com que então queres o veterinário? Mas tu não sabes que eu não tenho dinheiro para lhe pagar?

— Vamos a casa dêle, talvez seja caridoso e me trate de graça.

— Deita-te ao Sol, menina, êle cura tudo e não te pede dinheiro.

Estavam descansando num bosque, uma tarde,

quando Nitouche foi vista por umas senhoras que passeiavam perto.

— Ai que linda cadelinha! É de raça, uma formosura, vamos levá-la?

— Vamos, logo que esteja lavada fica um encanto.

E a mais jovem das duas senhoras pegou na cadelita, que se não atreveu a opor resistência, e levou-a consigo.

O Vadio pensou em defendê-la, mas compreendeu que seria vencido. A lucta era desigual. A senhoras dirigiram-se à estrada e meteram-se num trem que as esperava. Deram ordens ao cocheiro, bateram com a portinhola e o trem rodou.

Então o Vadio seguiu-o, e, tirando de si o maior esfôrço, conseguiu chegar a Lisboa ao mesmo tempo que êle.

Nitouche, com a cabecita de fora da portinhola, tinha seguido com dolorida atenção a grande prova de afecto e dedicação do Vadio. Fêz o seu plano, e ladrando, disse-lhe:

— Quando fôr ao apear mordo-lhe e ela deixa-me caír; então vamos a ver se torno a reconquistar a liberdade.

— Tornas. Conta comigo, gritou-lhe êle ofegante.

Ao apear a cadelita pôs em prática o seu plano. A sua detentora soltou um pequeno grito e deixou-a caír, muito assustada, ao ver a mão em sangue.

O Vadio, não perdeu tempo, abocou Nitouche pelo pescoço e fugiu numa carreira louca.

Ela suplicava:

— Pára, pára, ninguêm vem atrás de nós.

Mas êle, conhecedor da maldade humana, só afrouxou o andamento quando se sentiu livre de perigo.

Então deitou-se a descansar, de língua de fora, arquejante e exausto. Adormeceram. Quando acordaram rompia a madrugada. Vadio afagou a sua Nico com a ternura e carinho de quem tinha estado arriscado a perder a sua única afeição. Depois disse-lhe: Eu tenho aqui, no quartel de artilharia, um antigo amigo no rancheiro. Vamos a ver se êle ainda lá está.

Foram. Numa volta, em que a sentinela se afastou da porta, êle precipitou-se para dentro seguido de Nitouche e foi direito ao sítio onde supunha encontrar o seu amigo. Tanta sorte teve que êle, não só o reconheceu logo, como, compreendendo o que êle desejava, afagou Nitouche e deu a ambos comida e cama a um canto da cavalariça. Sentiram-se ali tão bondosamente protegidos que resolveram ficar.

Teem hoje tres filhos todos negros como o pai, mas com o pêlo encaracolado como a mãe.

Um chama-se Raio, o segundo Mosquito e o terceiro Azeviche. Nitouche esquecida do seu nome francês e do de Nico, pelo qual afectuosamente a tratava o Vadio, acabou por ser a Miudinha até para êle.

Hoje contam aos filhos as aventuras das suas longas vidas e procuram acautelá-los quanto possível dos caprichos dos ricos. A sua ocupação predilecta é des-

truirem os ratos no quartel. Em vão Nitouche lhes prega caridade, êles gostam de lutar e de vencer. Depois veem deitar-se na parada do quartel, com a língua de fora, gozando a fama de esplêndidos caçadores que ninguêm lhes disputa, mas que entristece a mãe que não gosta que se faça mal e nunca toma parte em tão bárbaros divertimentos. Está mesmo disposta a convocar uma reunião de cadelas a ver se consegue, por meio delas, que os cães dominem os seus ferozes instinctos.

A Miudinha é querida de todos, anda de novo lavadinha e penteada, não lhe faltando afagos.

Mas ela conhece bem as cousas e atribue a Vadio todos os benefícios que recebe.

Agora, que tudo passou ha muito tempo, gosta de evocar a sua grande angústia, dentro do trem ao colo dessa rapariga desconhecida, que a levava sem éla saber para onde, enquanto o Vadio, fazendo-lhe no olhar mil promessas de salvação, corria tão rápidamente junto da carruagem que mal tocava no chão com as patas.

Os filhos gostam de lhe ouvir enaltecer a dedicação e coragem do pai.

Êste, sentado, muito impertigado, ouve o seu elogio sem pestanejar, depois ladra por sua vez, narrando:

— Pobre Nico! Se lhe não apareço a tempo não sei o que seria dela! O grande perigo pelo qual vossa mãe passou, o maior, não foi êste que se lhe antolha

o mais grave por ter julgado perdida a felicidade adquirida. O pior foi quando ela se viu abandonada, sem experiência alguma da vida canina e entregue ao seu próprio esfôrço.

Estudem meus filhos, sejam valentes, fortes e conhecedores da vida e dos obstáculos que nela possam surgir para que, quando se virem sós no mundo, saibam bem o que podem fazer e aquilo com que devem contar.

E com muita vaidade, concluia:

— Nem sempre passa um Vadio a tempo.

Êstes filhos, ainda não estragados pelo contágio moderno da não-educação, dão muita atenção aos conselhos dos pais e prometem sér, no futuro, uns cães honrados e dignos como a Nitouche e o Vadio.

O rancheiro, seu dono, ou melhor dito, seu protector, conta a todos que conhece, que Vadio, ao fim duma longa ausência, voltou ao quartel trazendo espôsa e lha apresentou com um olhar quási humano.

— É uma scena que toca uma pessoa no mais fundo do coração, afirma êle com lágrimas na voz.

— Lá isso é verdade, êstes animais teem tanta compreensão que só lhes falta falar, observou um soldado.

— Nem isso. Êles bem sabem dizer o que lhes convêm.

— Eu proponho, disse rindo um cabo, que vá à ordem do dia que, para todos os efeitos, esta família canina seja considerada como filha do Regimento.

— Apoiado! gritaram todos os presentes.

Não foi à ordem do dia, mas não ha leis nem dictames mais fortes do que os do coração; todos se julgavam na obrigação de sustentar e defender os seus amigos. E tinha e tem graça, quando alguma fôrça sai do quartel ha sempre um dos cães que entende que a deve seguir. Nunca vai senão um. Os outros ficam. Não sei que combinações fazem entre si, mas, o que é certo é que é um pensamento de dedicação e de afecto que os leva a acompanhar os seus protectores, quem sabe se no desejo de lhes poder ser úteis?

A dedicação dos cães é um exemplo que os animais dão aos homens.

Felizes os homens que, no seu procedimento para com os seus similhantes, não tenham de baixar a cabeça envergonhados ante a conducta dos cães.

A herdeira da Nitouche faltou ao que prometeu à sua amiga e à própria cadelinha.

Como a sua conducta ficou aos olhos de Deus e dos homens inferior à do Vadio!

Que isso nunca aconteça a nenhum dos meus pequeninos leitores. Eu não me consolaria!...

FIM

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Horas de folga.
2 — Recreações infantis.
3 — Para ler nas férias.
4 — Por bom caminho.
5 — Para divertir.
6 — Alegrias.
7 — Histórias famosas.
8 — A fada loira.
9 — Contos da mamã.
10 — Para rir e pasmar.
11 — Feitos gloriosos.
12 — As ideas de Mimi.
13 — Proezas dum valentão.
14 — Maurício e Beatriz.
15 — Os bonecos de Joaninha.
16 — O animatógrafo.
17 — O paraiso das crianças.